

UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**APOIO SOCIAL, ESTILOS PARENTAIS E  
DESAJUSTAMENTO PSICOLÓGICO DOS FILHOS EM  
CONTEXTO DE VULNERABILIDADE ECONÓMICA E  
SOCIAL**

**Inês Isabel Branco Filipe**

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA**

**(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde / Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica)**

**2017**

UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**APOIO SOCIAL, ESTILOS PARENTAIS E  
DESAJUSTAMENTO PSICOLÓGICO DOS FILHOS EM  
CONTEXTO DE VULNERABILIDADE ECONÓMICA E  
SOCIAL**

**Inês Isabel Branco Filipe**

Dissertação orientada pela Professora Doutora Marta Pedro

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA**

**(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde / Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica)**

**2017**

## **Agradecimentos**

À Professora Doutora Marta Pedro, por toda a disponibilidade, conhecimento e aprendizagens transmitidas ao longo deste ano. Pela constante motivação, incentivo, apoio e orientação fundamentais para a concretização deste projeto.

À Dra. Mariana Fernandes pela ajuda e disponibilidade excepcionais e por transmitir sempre uma força positiva.

À turma e às Professoras do núcleo de Sistémica que tornaram o meu percurso mais enriquecedor e especial. Foi um orgulho pertencer a este núcleo!

Às mães pela disponibilidade, colaboração e partilha das suas experiências.

Às minhas amigas e colegas sistémicas, Inês Baptista, Filipa Marques, Inês Ribeiro e Catarina Rodrigues, pela amizade, partilha de experiências e por todos os momentos vividos ao longo destes anos. Obrigada por terem sido o meu suporte!

Às minhas amigas da faculdade, especialmente às “*Princesas Lindas*”, à Filipa Ramos e à Filipa Martins, pela amizade e pela longa caminhada que fizemos lado-a-lado.

Aos meus amigos que estiveram sempre presentes quando mais precisei. Por todas as palavras de conforto, pelo carinho e pela amizade de muitos e bons anos.

A todas as pessoas que, de alguma forma, passaram e marcaram este meu percurso.

Ao Gonçalo, por estar ao meu lado nesta fase tão importante da minha vida! Por me aconchegar nos momentos mais difíceis. Por me ajudar, por acreditar em mim e por me fazer tão feliz.

À minha família, principalmente, à minha querida avó Céu, ao meu querido avô Rui, à minha tia Isabel e ao meu primo Simão, por serem tudo o que eu poderia querer!

Ao meu pai e à minha mãe, os pilares da minha vida e o motivo pela qual cheguei onde estou hoje. Por me fazerem sonhar, por me apoiarem incondicionalmente e por acreditarem, sempre, em mim. Obrigada por estarem presentes do início ao fim!

Por tanto e por tudo o que fizeram por mim,

Obrigada!

## **Apoio social, estilos parentais e desajustamento psicológico dos filhos em contexto de vulnerabilidade económica e social**

### **Resumo**

A literatura é consistente quando refere que a pobreza afeta a parentalidade. Tendo em conta o elevado número de famílias portuguesas que vive em contexto de vulnerabilidade económica e social, é necessário perceber como se estabelece a relação pais-filhos e quais os fatores envolvidos nessa relação que podem influenciar o bem-estar das crianças e adolescentes. Desta forma, o presente estudo pretende analisar a relação entre os estilos parentais e o desajustamento psicológico dos filhos, comparando mães com vulnerabilidade económica e social (CVES) e mães sem vulnerabilidade económica e social (SVES), e testar se o apoio social (emocional e instrumental) apresenta um efeito de moderação na relação do padrão de variáveis estudadas. A amostra incluiu 192 mães, 88 mães SVES e 104 mães CVES com filhos de idades compreendidas entre os 5 e os 12 anos, de ambos os sexos. Aplicou-se um questionário sociodemográfico, o *Questionário de Dimensões e Estilos Parentais* (QDEP; Pedro, Carapito, & Ribeiro, 2007), o *Strengths and Difficulties Questionnaire* (SDQ-Por; Fleitlich, Loureiro, Fonseca, & Gaspar, 2004) e o *Convoy Model Diagram – Redes de Apoio Social* (CMD; Gameiro, Moura-Ramos, & Canavarro, 2006). Nos resultados verificaram-se efeitos principais positivos entre os estilos autoritário e permissivo e o desajustamento psicológico dos filhos, em ambas as amostras. Verificou-se ainda um efeito principal negativo entre o apoio emocional e o desajustamento psicológico dos filhos, apenas em mães SVES. Contrariamente, houve um efeito principal negativo entre o apoio instrumental e o desajustamento psicológico dos filhos, apenas em mães CVES. Não foram encontrados efeitos de interação significativos entre os estilos parentais e os moderadores do apoio social. Limitações e implicações futuras serão discutidas.

**Palavras-chave:** Estilos parentais, desajustamento psicológico dos filhos, apoio social, vulnerabilidade económica e social, parentalidade

# **Social support, parenting styles and children's psychological maladjustment in a context of economic and social vulnerability**

## **Abstract**

Empirical evidence is consistent when it refers to the fact that poverty affects parenting. Given the large number of Portuguese families living under socio-economic conditions of vulnerability, it has become necessary to understand how the parent-child relationship is established and the factors that are involved in this relationship which may influence the well-being of children and adolescents. Thus, the present study aims to analyze the relationship between parenting styles and children's psychological maladjustment, comparing mothers with economic and social vulnerability (CVES) and mothers without economic and social vulnerability (SVES), and to test whether social support (emotional and instrumental) has a moderating effect on the relation of the pattern of the variables studied. The sample included 192 mothers, 88 SVES mothers and 104 CVES mothers with children of both genders, aged between 5 and 12 years old. One sociodemographic questionnaire was applied, the *Questionário de Dimensões e Estilos Parentais* (QDEP; Pedro, Carapito, & Ribeiro, 2007), the *Strengths and Difficulties Questionnaire* (SDQ-Por; Fleitlich, Loureiro, Fonseca, & Gaspar, 2004) and the *Convoy Model Diagram – Redes de Apoio Social* (CMD; Gameiro, Moura-Ramos, & Canavarro, 2006). In both samples the results showed positive main effects between authoritarian and permissive styles and the children's psychological maladjustment. There was also a negative main effect between emotional support and children's psychological maladjustment, only as far as SVES mothers are concerned. Contrary to this, there was a negative main effect between instrumental support and children's psychological maladjustment, only with CVES mothers. No significant interaction effects were found between parenting styles and social support moderators. Limitations and future implications will be discussed.

**Key words:** Parenting styles, children's psychological maladjustment, social support, economic and social vulnerability, parenting

## Índice Geral

Introdução.....	1
Enquadramento Teórico .....	2
Estilos Parentais e Vulnerabilidade Económica e Social.....	2
Estilos Parentais e (Des)Ajustamento Psicológico dos Filhos.....	4
O Papel Moderador do Apoio Social .....	6
Objetivos e Hipóteses .....	9
Metodologia.....	10
Participantes.....	10
Procedimentos.....	11
Instrumentos.....	12
Análise Estatística.....	14
Resultados.....	17
Estatística descritiva e comparação de médias .....	17
Análise de correlações .....	18
Análise de regressões e de moderação.....	19
Discussão.....	23
Limitações e Direções Futuras.....	27
Referências Bibliográficas.....	30

### **Anexos:**

**Anexo A** – Consentimento Informado

**Anexo B** – Questionário Sociodemográfico

**Anexo C** – *Convoy Model Diagram* – Redes de Apoio Social

**Anexo D** – *Strengths and Difficulties Questionnaire*

**Anexo E** – Questionário de Dimensões e Estilos Parentais

## Índice de Figuras

<b>Figura 1.</b> Modelo Concetual Proposto.....	10
---	----

## Índice e de Tabelas

<b>Tabela 1.</b> Características sociodemográficas da amostra de mães SVES e CVES.....	15
<b>Tabela 2.</b> Estatísticas descritivas das variáveis em estudo e diferenças de médias em função da situação económica e social das participantes.....	18
<b>Tabela 3.</b> Intercorrelações entre os estilos parentais, o desajustamento psicológico dos filhos e o apoio social, em mães SVES.....	19
<b>Tabela 4.</b> Intercorrelações entre os estilos parentais, o desajustamento psicológico dos filhos e o apoio social, em mães CVES.....	19
<b>Tabela 5.</b> Análise de regressões múltiplas lineares para o desajustamento psicológico dos filhos, comparando mães SVES e mães CVES.....	21



## Introdução

O presente estudo insere-se numa investigação de Doutoramento, em curso, intitulada *Parentalidade em Desvantagem Económica e Social e o Ajustamento Psicológico dos Filhos* da Dr<sup>a</sup>. Mariana Fernandes. Este estudo pretende aprofundar o conhecimento sobre os processos individuais, familiares e sociais influentes na parentalidade, e analisar o papel de diferentes variáveis no ajustamento psicológico dos filhos, particularmente em famílias em situação de vulnerabilidade socioeconómica.

A parentalidade é um processo bastante complexo e exigente envolto de grandes desafios e responsabilidades (Holden, 2010), com impacto no desenvolvimento da criança (Kotchick & Forehand, 2002). Assim sendo, esta investigação está alicerçada na perspetiva ecológica da parentalidade que respeita o princípio de que a parentalidade é uma tarefa determinada por múltiplos fatores (Lerner, Rothbaum, Boulos, & Castellino, 2002). Segundo Belsky (1984), os determinantes diretamente associados ao comportamento parental referem-se às características individuais dos pais, às características individuais da criança e aos fatores do contexto social alargado (e.g., fontes de stress, redes de apoio social). É com base nestes determinantes que se estabelece a relação pais-filho, influenciada por diversos fatores que interferem no desenvolvimento infantil (Darling & Steinberg, 1993). Desta forma, o presente estudo procura examinar as relações pais-filho a partir da influência que os comportamentos parentais podem exercer no desajustamento psicológico das crianças e adolescentes. Para isso, analisar-se-á os estilos parentais, segundo a tipologia de Baumrind (1966): autoritativo, autoritário e permissivo, no sentido de se perceber se os estilos parentais estão associados a problemas de internalização e externalização dos filhos, tendo em conta a situação económica e social das famílias. Para além disso, é tido em conta o papel do contexto social, mais concretamente, os dois tipos de apoio social: emocional e instrumental, uma vez que este é também considerado um dos fatores relevantes e influentes na parentalidade.

A presente tese encontra-se organizada em diferentes secções, sendo primeiramente apresentado o Enquadramento Teórico na qual é realizada uma revisão da literatura sobre as variáveis em estudo. De seguida, a Metodologia em que é explicado o processo de recolha da amostra, bem como as variáveis, os instrumentos e a análise estatística utilizados. Por fim, nos Resultados e na Discussão são descritos os resultados do presente estudo e é apresentada uma reflexão sobre os mesmos. Para além disso são descritas as limitações do estudo e as suas implicações futuras.

## **Enquadramento Teórico**

De acordo com os dados referentes ao ano de 2016, 25.1% da população portuguesa encontrava-se em risco de pobreza ou exclusão social, verificando-se uma percentagem ligeiramente superior nas mulheres (26%) comparativamente aos homens (24.1%) (INE, 2016). Além disso, 18.8% do total de pessoas nessa condição refere-se a menores de 18 anos, ou seja, cerca de 468 mil crianças e jovens apresentavam um risco de pobreza ou exclusão social. Deste modo, a pobreza é um indicador atual que revela um impacto significativo na parentalidade e nos problemas emocionais e comportamentais dos filhos, na infância e na adolescência (Merikangas et al., 2010).

A investigação sugere que a relação entre os estilos parentais e o desajustamento psicológico dos filhos tem sido bastante estudada ao longo das últimas décadas, sendo consensual que os diferentes estilos parentais têm um impacto distinto em várias áreas do desenvolvimento da criança, tais como o desenvolvimento social, emocional e cognitivo (e.g., Bornstein, 2002). A literatura sugere também que o comportamento parental decorre de variáveis ambientais (Barroso & Machado, 2010) como, por exemplo, o apoio social – uma variável preponderante na vida dos pais (Ceballo & McLoyd, 2002). No entanto, há uma escassez de estudos sobre o papel de variáveis macro na relação entre estilos parentais e desajustamento psicológico dos filhos, nomeadamente, acerca do papel moderador do apoio social, bem como sobre as diferenças que poderão existir na relação entre estas variáveis, em famílias com e sem vulnerabilidade económica e social.

### **Estilos Parentais e Vulnerabilidade Económica e Social**

De uma forma geral, o conceito de estilo parental tem sido definido como um padrão global de características da interação pais-filhos que cria um clima emocional onde são expressos os comportamentos parentais (Darling & Steinberg, 1993). Apesar da literatura apresentar diversas tipologias de práticas e estilos parentais (e.g., Maccoby & Martin, 1983), a categorização mais frequentemente investigada é a tipologia de Baumrind (1966), a qual distingue três estilos parentais: (1) autoritário, (2) autoritativo, e (3) permissivo, que resultam da conjugação de duas dimensões: o afeto/responsividade e o controlo parental/exigências de maturidade. Segundo a autora, o estilo autoritário caracteriza-se por um padrão rígido de comportamento em que os pais afirmam um poder excessivo, utilizando a disciplina, a imposição e a punição como formas de educar a criança. No estilo autoritativo, os pais apresentam um controlo firme e consistente, mas

também se demonstram afetuosos e responsivos quanto às necessidades da criança existindo, assim, um equilíbrio entre o controlo e o afeto. Estes pais estabelecem regras para o comportamento dos filhos, têm a capacidade de corrigir atitudes negativas e reforçar atitudes positivas, promovendo a autonomia da criança num clima emocional positivo. Contrariamente ao estilo autoritário, o estilo permissivo refere-se ao comportamento dos pais de uma forma não punitiva e de baixo controlo, comportando-se de modo positivo e aceite face aos desejos e comportamentos dos filhos. Estes pais não aplicam regras consistentes e tornam-se excessivamente responsivos às necessidades dos mesmos.

A perspetiva ecológica da parentalidade postula que o comportamento parental e as relações que os pais estabelecem com os seus filhos são influenciados por diferentes contextos, nomeadamente, comunitários, sociais e culturais, em constante mudança (Lerner et al., 2002). Esta relação pais-filhos apresenta um sentido bidirecional visto que ambos influenciam e são influenciados por fatores internos e externos (Bronfenbrenner & Morris, 2006; Parke & Buriel, 2008). Um dos fatores com impacto mais relevante no exercício da parentalidade é o estatuto socioeconómico das famílias, um fator extensamente estudado na área das ciências sociais e associado a diferentes consequências em várias áreas do desenvolvimento infantil, nomeadamente, aos resultados das crianças, a nível cognitivo, socioemocional e de saúde (Bradley & Corwyn, 2002; Conger & Conger, 2002). Para além disso, *stressores* como a exposição à violência na família e no bairro, a discriminação e a instabilidade residencial são também indicadores relacionados com os contextos vulneráveis que podem afetar a parentalidade. Assim, verifica-se que pais nestes contextos têm menos disponibilidade para dar afeto e para utilizar uma disciplina consistente, aumentando a probabilidade de surgirem problemas de comportamento nos seus filhos (Leventhal & Brooks-Gunn, 2000; Wadsworth & Compas, 2002; Wadsworth, Raviv, Reinhard, Wolff, Santiago, & Einhorn, 2008). Deste modo, a literatura indica, de forma consistente, que crianças e jovens que vivam em contextos de pobreza e vulnerabilidade económica e social estão significativamente mais suscetíveis ao desenvolvimento de problemas de saúde mental (Evans & English, 2002; McLoyd, 1998; Reising et al., 2013; Wardle, Robb, & Johnson, 2002), problemas socioemocionais (Evans, 2004) e mais propensas a que esses problemas persistam ao longo do tempo (e.g., Aber, Brown, & Jones, 2003).

Tendo em conta a perspetiva ecológica da parentalidade existem evidências de que o rendimento económico familiar e também o nível de escolaridade possam estar

associados aos estilos parentais. Assim, famílias com um rendimento económico médio ou elevado apresentam um estilo autoritativo, contrariamente às famílias com um rendimento económico e nível de escolaridade inferiores que exibem um estilo autoritário ou permissivo (Deater-Deckard, Dodge, Bates, & Pettit, 1996; Pinderhughes, Dodge, Bates, Pettit, & Zelli, 2000; Querido, Warner, & Eyberg, 2002). Estes resultados são consistentes com estudos anteriores que afirmam a existência de uma associação direta entre o rendimento económico familiar, o nível de escolaridade e as variáveis demográficas e ambientais que promovem diferentes comportamentos parentais (Bluestone & Tamis-LeMonda, 1999; Kelley, Power, & Wimbush, 1992).

### **Estilos Parentais e (Des)Ajustamento Psicológico dos Filhos**

A investigação tem demonstrado, de forma consistente, a existência de uma associação entre práticas e estilos parentais e o desajustamento psicológico dos filhos (Braza et al., 2015; Calzada, Huang, Anicama, Fernandez, & Brotman, 2012; Milevsky, Schlechter, Netter, & Keehn, 2007; Querido et al., 2002; Tan, Camras, Deng, Zhang, & Lu, 2012; Williams et al., 2009). Mais concretamente, as evidências empíricas indicam associações diferentes entre cada uma das práticas e estilos parentais e os problemas de internalização e externalização. Desta forma, pais que adotam uma parentalidade positiva possibilitam um maior conforto e segurança à criança que, por essas razões, é capaz de manifestar mais comportamentos sociais positivos do que negativos (Baumrind, 1978), fomentando a sua competência social e regulação emocional (Hart, Newell, & Olsen, 2003; Zhou et al., 2002). Pelo contrário, pais que apresentam baixos níveis de afeto e controlo comportamental (e.g., disciplina inconsistente, não estabelecimento de limites) e também elevados níveis de hostilidade, aumentam a probabilidade de a criança desenvolver problemas de externalização e internalização (McKee, Colletti, Rakow, Jones, & Forehand, 2008).

Estudos com famílias normativas, sem desvantagem económica e social, encontraram uma associação negativa entre o estilo autoritativo e os problemas de internalização e externalização, na infância e na adolescência (Musitu & García, 2004; Steinberg, Lamborn, Darling, Mounts, & Dornbusch, 1994; Uji, Sakamoto, Adachi, & Kitamura, 2014). Pelo contrário, os estilos permissivo e autoritário foram associados de forma positiva aos problemas de internalização e externalização (Querido et al., 2002). Num estudo com adolescentes com pais com um estilo autoritário, verificou-se que os jovens manifestaram níveis mais baixos de ajustamento psicológico comparativamente

aos adolescentes em que os pais apresentavam um estilo autoritativo (Steinberg et al., 1994). Além disso, pais com níveis elevados de controlo psicológico e comportamental parecem também estar associados a maiores problemas de externalização nos adolescentes (Galambos, Barker, & Almeida, 2003). Já Russell, Hart, Robinson e Olsen (2003) referem o estilo autoritário como associado negativamente ao comportamento social das crianças identificadas como antissociais. Contudo, os resultados de um estudo longitudinal de Williams e colaboradores (2009) indicam a existência de associações apenas entre o estilo permissivo das mães e problemas de internalização e entre o estilo autoritário e problemas de externalização, apresentando assim inconsistências na literatura, na relação estabelecida entre os estilos parentais e o desajustamento psicológico dos filhos.

Comparativamente aos estudos realizados com famílias normativas, a relação entre os estilos parentais e o desajustamento psicológico dos filhos encontra-se significativamente menos investigada em famílias com vulnerabilidade económica e social. Num dos poucos estudos com esta população, Furstenberg e colaboradores (1999) avaliaram a relação entre os estilos parentais e os resultados dos adolescentes relativos à sua autoestima, desajustamento psicossocial, competência pessoal e problemas de comportamento. Os autores observaram que a ocorrência de uma parentalidade autoritária, em famílias de minorias étnicas, pode ter um efeito protetor face aos contextos vulneráveis a que estão expostos. De igual modo, outros estudos referiram que o estilo autoritário pode ser benéfico para adolescentes de bairros desfavorecidos (Mason, Cauce, Gonzales, & Hiraga, 1996; Steinberg, Mounts, Lamborn, Dornbusch, & 1991) e não foram encontradas evidências de que os mesmos relatassem mais sofrimento quando os pais apresentavam esse estilo parental (Steinberg, Blatt-Eisengart, & Cauffman, 2006).

No que diz respeito ao desajustamento psicológico dos filhos, a literatura indica que a parentalidade negativa interfere na relação entre a pobreza e a psicopatologia em crianças e adolescentes (e.g., Grant, Compas, Stuhlmacher, Thurm, & McMahon, 2003). O baixo estatuto socioeconómico é considerado um dos fortes preditores de problemas de externalização (Hartas, 2011; Knapp, Ammen, Arstein-Kerslake, Poulsen, & Mastergeorge, 2007), tendo estes problemas uma maior prevalência em crianças pequenas de famílias com desvantagem socioeconómica (Campbell, Shaw, & Gilliom, 2000). Já os efeitos da pobreza revelam também uma certa vulnerabilidade nos adolescentes, nomeadamente, ao nível da saúde mental (Dashiff, DiMicco, Myers, & Sheppard, 2009), podendo afetar a sua qualidade de vida e ajustamento social (Wilkins, O'callaghan,

Najman, Bor, Williams, & Shuttlewood, 2004). Outros estudos referem que crianças de famílias com um baixo nível socioeconómico estão mais vulneráveis a eventos traumáticos, possibilitando um maior risco de manifestar sintomas depressivos (Patton, Coffey, Posterino, Carlin, & Bowes, 2003; Tracy, Zimmerman, Galea, McCauley, & Vander Stoep, 2008), ao passo que altos níveis de apoio parental se associam a baixos níveis de sintomas depressivos na criança.

No entanto, a literatura evidencia algumas inconsistências entre a pobreza, a parentalidade e o desajustamento psicológico dos filhos. Por exemplo, o estudo de Conger, Conger e Elder (1997) referiu a ausência de uma relação significativa entre a pobreza e os problemas de internalização e externalização nos adolescentes. Contudo, em estudos posteriores verificou-se que tanto os processos parentais como o desenvolvimento infantil são afetados pela pobreza (Conger & Donnellan, 2007; Conger, Reuter, & Conger, 2000). Ainda, vários estudos longitudinais demonstraram que a adoção de uma parentalidade consistente e responsiva, mesmo em contextos de vulnerabilidade económica, atua como um efeito protetor no desenvolvimento das crianças (e.g., Costello, Compton, Keeler, & Angold, 2003).

Importa referir que quanto maior o período de tempo em que as crianças se encontram em situação de pobreza, maior será o risco de exibirem problemas de externalização, comparativamente às crianças que já viveram ou nunca viveram nessa situação (Mistry, Vandewater, Huston, & McLoyd, 2002). Por último, embora haja uma variedade de estudos acerca do impacto da parentalidade e das variáveis do macrossistema no desajustamento psicológico dos filhos, estes apresentam divergências quanto à importância atribuída, por um lado, aos pais (e.g., Barber, Stolz, Olsen, Collins, & Burchinal, 2005) e, por outro, aos fatores externos à família (e.g., Evans, 2006), no processo de socialização da criança.

Deste modo, é importante continuar a investigar o papel de variáveis sociodemográficas (e.g., situação económica e social), a relação entre o rendimento económico, o comportamento parental e o desajustamento psicológico dos filhos (Brooks-Gunn & Duncan, 1997).

### **O Papel Moderador do Apoio Social**

Vários estudos científicos enfatizam o apoio social como uma importante variável a ser estudada na área da parentalidade (Antonucci, Ajrouch, & Birditt, 2013; Nurullah, 2012). Esta é descrita como a assunção de determinadas funções desempenhadas por

pessoas significativas para o indivíduo (e.g., família nuclear e alargada, amigos, vizinhos) que o ajudam em certas situações da sua vida (Antunes & Fontaine, 2005). O presente estudo baseia-se no *Convoy Model*, o qual avalia o apoio social percebido a partir de aspetos estruturais referentes à dimensão da rede social, ao tipo de relações que a compõem, ao grau de importância ou proximidade das relações mencionados pelo sujeito e à proporção de membros por nível de proximidade (Gameiro, Moura-Ramos, & Canavarro, 2006). Neste modelo consideram-se ainda dois tipos de apoio recebidos através de ações e comportamentos benéficos para o indivíduo: o apoio emocional e o apoio instrumental (Gameiro, Boivin, Canavarro, Moura-Ramos, & Soares, 2010).

Segundo a literatura, o apoio social corresponde a um conjunto de comportamentos apoiantes que podem funcionar como um fator protetor, também descrito como *buffer*, que ajuda os indivíduos a gerirem situações causadoras de *stress*, atenuando as consequências negativas daí resultantes (Çavar, 2013; Gillock & Reyes, 1999; Malecki & Demaray, 2002). Desta forma, indivíduos com elevado apoio social lidam mais facilmente com acontecimentos de vida *stressantes*, contrariamente ao observado em indivíduos com um baixo apoio social (Callaghan & Morrissey, 1993).

A investigação tem demonstrado que o apoio social se relaciona com as práticas e estilos parentais, por um lado, e com o desajustamento psicológico dos filhos, por outro. Na generalidade, e tendo em conta a rede social, a família é vista como a principal fonte de apoio, seguida dos amigos, ainda que ambos exerçam funções diferentes relativamente ao apoio fornecido a um mesmo indivíduo (Hlebec, Mrzel, & Kogovsek, 2009). Neste sentido, o apoio social percebido, fornecido pela família e pelos pares, associa-se negativamente aos comportamentos de internalização (Rockhill, Vander Stoep, McCauley, & Katon, 2009) e externalização (Demaray, Malecki, Davidson, Hodgson, & Rebus, 2005). Em estudos com amostras normativas, o apoio social é visto como uma variável protetora capaz de diminuir o aparecimento de comportamentos desadequados (Barrera, Fleming, & Khan, 2004). Desta forma, quanto maior o apoio familiar prestado, menor a probabilidade de surgirem comportamentos de internalização e externalização nas crianças (Çavar, 2013). Num estudo sobre as perceções das práticas parentais durante a adolescência e o apoio social percebido, foi confirmada a hipótese de que os estilos autoritário ou negligente predizem um baixo apoio social percebido e que o estilo autoritativo prediz níveis mais elevados de apoio social percebido em famílias normativas (Lagacé-Séguin & DeLeavey, 2011).

Nos estudos que analisam populações com vulnerabilidade económica e social, a família alargada pode ter uma influência considerável para os grupos minoritários e com baixo nível socioeconómico (ChaseLansdale, Gordon, Coley, Wakschlag, & Brooks-Gunn, 1999). Os vizinhos podem também ser vistos como uma fonte de apoio uma vez que ajudam na educação e criação dos filhos (Beyers, Bates, Pettit, & Dodge, 2003) através do apoio emocional ou instrumental (Byrnes & Miller, 2012). Caso contrário, a inexistência de vínculos sociais pode levar ao isolamento social destas famílias (Wilson, 2012). Importa ainda referir que as famílias com um nível socioeconómico elevado tendem a residir em bairros mais favorecidos, a utilizar melhores estratégias para educar os filhos (Byrnes, Chen, Miller, & Maguin, 2007; Byrnes, Miller, Chen, & Grube, 2011) e a ter maior acesso ao apoio instrumental, comparativamente a famílias residentes em bairros mais desfavorecidos (Turney & Harknett, 2010). No estudo longitudinal de DuBois e colaboradores (2002) realizado com famílias com baixo nível económico, concluiu-se que níveis elevados de apoio social e autoestima estão relacionados a menores problemas emocionais e comportamentais, no início da adolescência. Por sua vez, alguns fatores de risco como baixos níveis de apoio social, pouca envolvimento dos pais e inexistência de supervisão aumentam os níveis de problemas de comportamento e delinquência, na fase da adolescência (Loeber & Farrington, 2001).

Relativamente ao efeito moderador do apoio social, não são conhecidos estudos que tenham analisado o padrão de variáveis da presente investigação. Contudo, o apoio social tem sido investigado como moderador em variáveis da parentalidade, em contextos vulneráveis. Por exemplo, Lee e colaboradores (2009) observaram que o apoio social moderou a relação indireta entre o baixo rendimento económico das famílias e a parentalidade. Verificou-se assim uma relação negativa entre o rendimento e os sintomas depressivos em pais que percecionaram um baixo apoio social, mas não uma relação para pais com elevado apoio social. Outro estudo descobriu um efeito moderador do apoio social na relação entre o *stress* percebido no bairro e as práticas parentais positivas (Kotchick, Dorsey, & Heller, 2005). Por outro lado, há ainda estudos que não encontraram efeitos de moderação do apoio social relativamente a variáveis parentais (e.g., McConnel, Breitzkreuz, & Savage, 2011), pelo que a literatura é inconsistente relativamente ao papel do apoio social na parentalidade.

O apoio social carece ainda de um certo rigor conceptual e metodológico (Antunes & Fontaine, 2005; Gameiro, Soares, Moura-Ramos, Pedrosa, & Canavarro, 2008) visto que, devido às inconsistências verificadas quanto à sua concetualização, os investigadores



definem o seu próprio conceito de apoio social. Para além disso, utilizam os instrumentos de medida que consideram relevantes para a sua avaliação (Cohen, Underwood, & Gottlieb, 2000), tendo implicações para as qualidades psicométricas desses mesmos instrumentos (Antunes & Fontaine, 2005). Estes fatores poderão também estar relacionados com as inconsistências presentes na literatura sobre o impacto do apoio social na parentalidade.

## **Objetivos e Hipóteses**

Este estudo tem como principal objetivo avaliar a relação entre os estilos parentais, o apoio social e o desajustamento psicológico dos filhos, comparando famílias com e sem vulnerabilidade económica e social. Além disto, considera-se importante testar o papel moderador do apoio social na relação entre os estilos parentais e o desajustamento psicológico dos filhos. Dadas as evidências empíricas mencionadas anteriormente, o estudo pretende dar resposta às seguintes hipóteses:

**Hipótese 1:** Mães CVES apresentarão níveis mais elevados no estilo autoritário e permissivo, menos apoio social (emocional e instrumental) e mais desajustamento psicológico dos filhos, comparativamente às mães SVES.

**Hipótese 2:** Os estilos parentais estarão associados ao desajustamento psicológico dos filhos, em mães CVES e mães SVES.

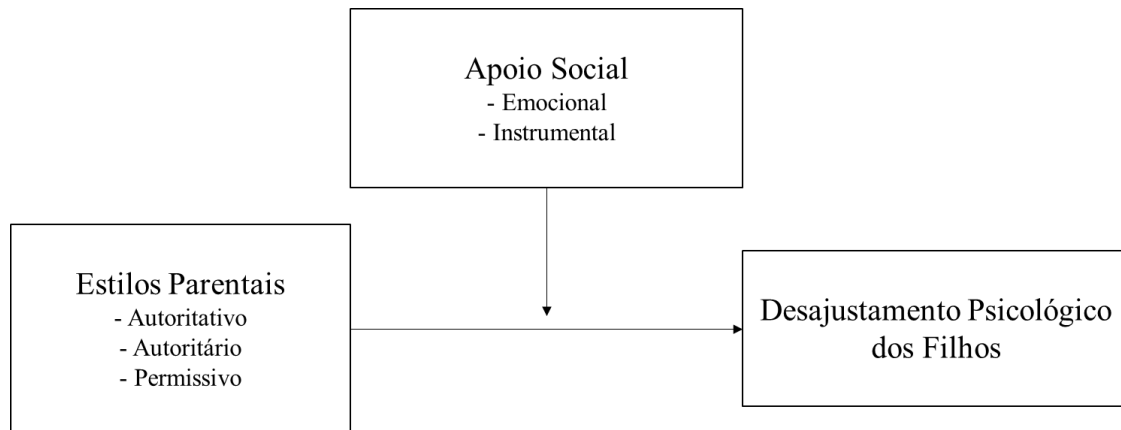
**Hipótese 2.1:** Os estilos autoritário e permissivo estarão positivamente associados ao desajustamento psicológico dos filhos, em mães CVES e mães SVES.

**Hipótese 2.2:** O estilo autoritativo estará negativamente associado ao desajustamento psicológico dos filhos, em mães CVES e mães SVES.

**Hipótese 3:** O apoio social (emocional e instrumental) estará negativamente associado ao desajustamento psicológico dos filhos, em mães CVES e mães SVES.

**Hipótese 4:** O apoio social (emocional e instrumental) estará negativamente associado aos estilos autoritário e permissivo e positivamente associado ao estilo autoritativo, em mães CVES e mães SVES.

**Hipótese 5:** O apoio social (emocional e instrumental) irá moderar a relação entre os estilos parentais e o desajustamento psicológico dos filhos, em mães CVES e SVES, com efeitos de moderação mais fortes para as mães CVES.



*Figura 1. Modelo Conceitual Proposto.*

## Metodologia

### Participantes

O presente estudo insere-se numa investigação de Doutoramento, em curso, intitulada *Parentalidade em Desvantagem Económica e Social e o Ajustamento Psicológico dos Filhos* da Dr<sup>a</sup>. Mariana Fernandes.

A amostra apresenta um total de 192 mães, dividindo-se em 88 mães sem vulnerabilidade económica e social (SVES) e 104 mães com vulnerabilidade económica e social (CVES). Os critérios de inclusão para mães SVES foram: (a) mães com pelo menos um filho com idade compreendida entre os 5 e os 12 anos; (b) estarem envolvidas numa relação atual de conjugalidade heterossexual (casamento; coabitação conjugal) há pelo menos seis meses ou enquadrarem-se numa situação de monoparentalidade; (c) residirem em Portugal e (d) capacidade para ler e escrever em Língua Portuguesa. Para as mães CVES, consideraram-se os critérios mencionados anteriormente para as mães SVES, exceto o critério (d), e incluíram-se ainda os seguintes critérios: (a) escolaridade igual ou inferior ao 12º ano; (b) mães que recebem o Rendimento Social de Inserção (RSI) e/ou com rendimento próprio igual ou inferior ao salário mínimo, associado a emprego precário ou desemprego. A diferenciação do nível socioeconómico (NSE) das mães foi baseado na classificação de Simões (1994) que inclui o nível de escolaridade e a profissão.

Na presente amostra, verificou-se que as mães tinham idades compreendidas entre os 23 e os 52 anos (mães SVES:  $M = 38.07$ ,  $SD = 5.48$ ; mães CVES:  $M = 36.61$ ,  $SD = 6.47$ ), residiam em Portugal e tinham em média 2.04 filhos. Relativamente à escolaridade

das participantes verificaram-se níveis distintos entre as duas amostras, sendo o ensino superior, a frequência escolar com maior percentagem (46.6%  $n = 41$ ) para mães SVES, contrariamente à frequência escolar das mães CVES, com resultados superiores entre 7 a 9 anos de escolaridade (42.3%  $n = 44$ ). Quanto à sua situação laboral atual, observaram-se também diferenças entre as duas amostras uma vez que mães CVES referiram, maioritariamente, estar desempregadas (59.6%  $n = 62$ ) enquanto mães SVES referiram, maioritariamente, trabalhar por conta de outrem (79.5%  $n = 70$ ). Quanto à configuração relacional, a biparentalidade é mais frequente nas famílias de mães SVES (83.0%  $n = 73$ ), enquanto nas famílias de mães CVES não existem diferenças entre a monoparentalidade e a biparentalidade (51.9%  $n = 54$ ; e 48.1%  $n = 50$ , respetivamente). Quanto à situação financeira do agregado familiar, o rendimento mensal líquido médio é >2000€ para mães SVES (37.5%  $n = 33$ ) e <499€ para mães CVES (45.2%  $n = 47$ ), sendo a principal fonte de rendimento da família provinda do vencimento mensal (87.5%  $n = 77$ ) e do apoio social (49.0%  $n = 51$ ), respetivamente. As características sociodemográficas da amostra apresentam-se, detalhadamente, na tabela 1.

Nos dados recolhidos relativamente ao filho-alvo, averiguou-se que 94 eram do sexo feminino (49.0%) e 98 do sexo masculino (51.0%), com idades compreendidas entre os 5 e os 12 anos ( $M = 9$ ;  $SD = 2.15$ ). A maioria dos filhos encontrava-se a frequentar o 1º ciclo de escolaridade (54.2%  $n = 104$ ) e verificou-se que 64.6% ( $n = 124$ ) não tinha qualquer tipo de apoio, sendo que o segundo resultado mais frequente indicava que 14.1% ( $n = 27$ ) beneficiava de apoio escolar e, seguidamente, apoio psicológico (8.9 %  $n = 17$ ).

## **Procedimentos**

A recolha de dados da presente investigação foi realizada a nível nacional, a partir de dois tipos de amostragem não aleatória ou não probabilística: (1) amostragem por método bola de neve para mães SVES; e (2) amostragem por conveniência para mães CVES (Maroco & Bispo, 2005). O primeiro tipo de recolha contou com as redes informais sociais, contactadas pela doutoranda e mestrandas inseridas na investigação. O segundo tipo de recolha decorreu, primeiramente, através do contacto a várias instituições, por email ou telefone, a solicitar a participação das mesmas, bem como a explicar os objetivos da investigação, os critérios de participação e os procedimentos decorrentes da mesma. Após aceitação, a doutoranda entrou em contacto com a instituição para agendar as sessões de aplicação do protocolo, combinando o dia, hora e local para a recolha da respetiva amostra.

A recolha de mães SVES foi feita de forma autónoma, sendo distribuídos os protocolos em mão, para o seu devido preenchimento. Para mães CVES, a recolha foi controlada e realizada de duas formas: (1) oralizada, pela investigadora ( $n = 86$ ); e (2) autónoma, pela participante ( $n = 18$ ). Após a análise dos questionários sociodemográficos considerou-se que 18 mães SVES enquadravam-se nos critérios mencionados para as mães CVES.

Antes do preenchimento, as mães SVES liam o consentimento informado em que era explicada a finalidade do estudo e referida a sua participação voluntária. Caso a participante pretenda-se desistir, essa decisão não teria qualquer consequência para si ou para os seus filhos podendo, por isso, fazê-lo a qualquer momento. O preenchimento do protocolo demoraria cerca de 60 minutos e os dados eram confidenciais e anónimos, sendo posteriormente tratados de forma global e não individualizada. Se as participantes requeressem informações ou esclarecimentos sobre a presente investigação teriam de o fazer segundo o endereço eletrónico indicado no consentimento e poderiam também solicitar apoio psicológico no Serviço à Comunidade da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, se necessário. As participantes assinavam o documento e agradecia-se a sua colaboração. Às mães CVES era lido o consentimento informado e esclarecidas eventuais dúvidas, antes da aplicação do protocolo.

## **Instrumentos**

*Dados Sociodemográficos.* De forma a obter informações sociodemográficas necessárias para a investigação (e.g., idade, escolaridade, profissão, situação laboral atual, situação conjugal atual, nº de filhos, idade do filho-alvo, rendimento mensal líquido), as participantes responderam a um questionário sociodemográfico desenvolvido especificamente para este efeito.

*Estilos Parentais.* Os estilos parentais foram avaliados a partir do Questionário de Dimensões e Estilos Parentais (QDEP; Robinson, Mandleco, Olsen, & Hart, 2001; versão portuguesa: Pedro, Carapito, & Ribeiro, 2007). O QDEP é um instrumento de autorrelato composto por 32 itens e três escalas que avaliam os três estilos parentais da tipologia de Baumrind (1966) – autoritativo, autoritário e permissivo. A escala pertencente ao estilo autoritativo (15 itens) divide-se em três subescalas: ligação, regulação e autonomia (e.g., *Encorajo o meu filho a falar dos seus problemas*; subescala ligação). A escala relativa ao estilo autoritário (15 itens) apresenta também três subescalas: punição, coerção física e

hostilidade verbal (e.g., *Castigo fisicamente o meu filho para o disciplinar*; subescala coerção física). A escala do estilo permissivo é composta por 5 itens (e.g., *Eu cedo quando o meu filho faz birra*). A cotação é realizada numa escala tipo Likert de 5 pontos, variando de (1) Nunca a (5) Sempre. Resultados elevados em cada uma das escalas refletem um uso mais frequente de práticas parentais associadas a um estilo parental autoritativo, autoritário ou permissivo. O QDEP revelou nível adequados de consistência interna, para mães SVES ( $\alpha = .80$ ) e para mães CVES ( $\alpha = .81$ ).

(Des)Ajustamento Psicológico dos Filhos. O (des)ajustamento psicológico dos filhos foi avaliado através do *The Strengths and Difficulties Questionnaire* (SDQ; Goodman, 1997; versão portuguesa: Fleitlich, Loureiro, Fonseca, & Gaspar, 2004). O SDQ é um instrumento de autorrelato, composto por 25 itens, que pretende avaliar o ajustamento psicológico de crianças e adolescentes. Os itens do questionário dividem-se em 5 escalas: (1) escala de sintomas emocionais (e.g., *Anda muitas vezes triste, desanimado ou choroso*) e (2) escala de problemas de relacionamento com os colegas (e.g., *Tem tendência a isolar-se, gosta mais de brincar sozinho/a*) que somadas resultam numa dimensão relativa a problemas de internalização; (3) escala de problemas de comportamento (e.g., *Luta frequentemente com as outras crianças, ameaça-as ou intimida-as*) e (4) escala de hiperatividade (e.g., *Não sossega. Está sempre a mexer as pernas ou as mãos*) que somadas resultam numa dimensão relativa a problemas de externalização; e por último, (5) escala de competências sociais que não será analisada no presente estudo. As respostas apresentam-se numa escala tipo Likert de 3 pontos em que 3=“Não é verdade”, 2=“É um pouco verdade” e 1=“É muito verdade”. O SDQ revelou nível adequados de consistência interna, para mães SVES ( $\alpha = .65$ ) e para mães CVES ( $\alpha = .78$ ).

*Apoio Social.* De forma a avaliar o apoio social aplicou-se a versão portuguesa do *Convoy Model Diagram* – Redes de Apoio Social (CMD; Gameiro, Moura-Ramos, & Canavarro, 2006; Kahn & Antonucci, 1980). O *Convoy* é um instrumento de autorrelato que permite avaliar aspetos estruturais (dimensão da rede social, tipo de relações que a compõem, grau de importância ou proximidade dessas relações para o sujeito, proporção de membros por nível de proximidade) e funcionais (quantidade e tipo de apoio, satisfação global com esse apoio) do apoio social percebido pelo sujeito respondente. Neste estudo foram analisados os diferentes tipos de apoio – emocional e instrumental –,

de forma global. O *Convoy Model* é composto, numa primeira fase, pela rede de apoio social do participante tendo em conta uma técnica de representação espacial. Esta representação é visível por um diagrama com quatro círculos concêntricos, em que o círculo interno corresponde ao sujeito respondente e os restantes círculos, às pessoas que lhe são significativas tendo em conta um nível decrescente de intimidade e importância à medida que os círculos se afastam do sujeito. Numa segunda fase, o sujeito deve avaliar o apoio recebido, respondendo a 9 itens (e.g., *Confia e sente-se seguro(a) com esta pessoa?*; *Esta pessoa ajuda-o(a) quando tem dificuldades financeiras?*) sobre cada uma das pessoas que colocou no primeiro e no segundo círculo, bem como o grau de satisfação com esse apoio (*Satisfação global que sente com o apoio recebido desta pessoa.*), numa escala tipo Likert de 6 pontos (0=“Mínimo”, 5=“Máximo”). O CMD revelou nível adequados de consistência interna, para mães SVES ( $\alpha = .97$ ) e para mães CVES ( $\alpha = .95$ ).

### **Análise Estatística**

Para a análise dos dados utilizou-se o *software* estatístico *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS), versão 23. Em primeiro lugar, efetuou-se a análise descritiva dos dados, de forma a obter as médias e desvios-padrão. Em seguida, realizou-se o teste *t-Student* de comparação de médias para analisar as diferenças entre mães SVES e mães CVES e verificar se essas diferenças eram estatisticamente significativas com *p-value* do teste igual ou inferior a 0.05. Posteriormente, obteve-se a análise de correlação de Pearson entre as diferentes variáveis, considerando os critérios de Cohen (1988) em que valores de .10, .30 e .50 significam respetivamente correlação fraca, moderada e forte. Por fim, foram testadas as regressões múltiplas lineares para testar os efeitos principais entre as variáveis em estudo e o efeito moderador do apoio social (emocional e instrumental) na relação entre os estilos parentais (autoritativo, autoritário e permissivo) e o desajustamento psicológico dos filhos.

**Tabela 1.***Características sociodemográficas da amostra de mães SVES e CVES.*

	Mães SVES (n = 104) n (%)	Mães CVES (n = 88) n (%)
Idade (M/SD)	38.07/5.48	36.61/6.47
Local de Residência		
Norte	1 (1.1)	19 (18.3)
Centro	54 (61.4)	18 (17.3)
Lisboa e Vale do Tejo	33 (37.5)	50 (48.1)
Alentejo	-	17 (16.3)
Algarve	-	-
Nível de Escolaridade		
0 a 4 anos de escolaridade	-	17 (16.3)
5 a 6 anos de escolaridade	-	24 (23.1)
7 a 9 anos de escolaridade	2 (2.3)	44 (42.3)
10 a 12 anos de escolaridade	39 (44.3)	18 (17.3)
Frequência Universitária	5 (5.7)	-
Ensino Superior	41 (46.6)	-
Outro	-	-
Situação Laboral Atual		
Trabalhador independente	8 (9.1)	6 (5.8)
Trabalhador por conta de outrem	70 (79.5)	29 (27.9)
Reforma	-	3 (2.9)
Desemprego	10 (11.4)	62 (59.6)
Baixa médica	-	3 (2.9)
Independente + conta de outrem	-	-
Categoria de Profissão		
Militares	-	-
Administração pública, dirigentes e empresas	2 (2.3)	1 (1.0)
Profissões intelectuais e científicas	12 (13.6)	1 (1.0)
Técnicos e profissionais nível intermédio	29 (33.0)	1 (1.0)
Administrativo e similares	10 (11.4)	5 (4.8)
Serviços e vendedores	24 (27.3)	27 (26.0)
Agricultura e Pesca	-	6 (5.8)
Operários, artífices, similares	2 (2.3)	13 (12.5)
Operadores de instalações e máquinas	-	-
Trabalhadores não qualificados	5 (5.7)	45 (43.3)

	Mães SVES ( <i>n</i> = 104) <i>n</i> (%)	Mães CVES ( <i>n</i> = 88) <i>n</i> (%)
<hr/>		
Configuração Relacional		
Monoparental	15 (17.0)	54 (51.9)
Biparental	73 (83.0)	50 (48.1)
Situação Conjugal Relacional Atual		
Casado	57 (64.8)	24 (23.1)
Coabitação conjugal	16 (18.2)	28 (26.9)
Divorciado	9 (10.2)	16 (15.4)
Viúvo	-	1 (1.0)
Sem relação conjugal	6 (6.8)	35 (33.7)
Agregado Familiar		
Companheiro, filho(s)	72 (81.8)	44 (42.3)
Companheiro, filho(s), pais	-	3 (2.9)
Companheiro, filho(s), neto(s)	-	1 (1.0)
Companheiro, filho(s), outros familiares	1 (1.1)	1 (1.0)
Filho(s)	13 (14.8)	47 (45.2)
Filho(s), pais	1 (1.1)	5 (4.8)
Filho(s), neto(s)	-	1 (1.0)
Pais	-	-
Pais, filho(s), irmão(s)	1 (1.1)	2 (1.9)
Número de Filhos		
1	36 (40.9)	23 (22.1)
2	43 (48.9)	42 (40.4)
3	8 (9.1)	26 (25.0)
4	1 (1.1)	8 (7.7)
5	-	5 (4.8)
Rendimento Mensal Líquido		
<499€	1 (1.1)	47 (45.2)
500€ a 799€	6 (6.8)	26 (25.0)
800€ a 999€	4 (4.5)	10 (9.6)
1000€ a 1499€	19 (21.6)	17 (16.3)
1500€ a 2000€	23 (26.1)	2 (1.9)
>2000€	33 (37.5)	2 (1.9)



	Mães SVES ( <i>n</i> = 104) <i>n</i> (%)	Mães CVES ( <i>n</i> = 88) <i>n</i> (%)
<b>Principal Fonte de Rendimento da Família</b>		
Riqueza	-	-
Lucros, ordenados	5 (5.7)	-
Vencimento mensal	77 (87.5)	32 (30.8)
Remuneração	3 (3.4)	7 (6.7)
Apoio social	1 (1.1)	51 (49.0)
Apoio família/amigos	-	2 (1.9)
Remuneração + Apoio social	-	8 (7.7)
Vencimento + Apoio social	1 (1.1)	3 (2.9)
Vencimento + Apoio família/amigos	1 (1.1)	1 (1.0)
<b>Acompanhamento Psicológico ou Psiquiátrico</b>		
Nunca teve	72 (81.8)	64 (61.5)
Teve no passado	13 (14.8)	25 (24.0)
Tem atualmente	3 (3.4)	14 (13.5)
<b>Crença Religiosa</b>		
Não crente	11 (12.5)	15 (14.4)
Crente	77 (87.5)	89 (85.6)

## Resultados

### Estatística descritiva e comparação de médias

Os resultados médios e desvios-padrão das variáveis estilos parentais (autoritativo, autoritário e permissivo), apoio social (emocional e instrumental) e desajustamento psicológico dos filhos (externalização e internalização) são apresentados na Tabela 2. Podem ainda ser observadas as diferenças de médias entre a amostra CVES e SVES, a partir da análise do teste *t-Student* para amostras independentes. Os resultados indicaram a presença de diferenças significativas entre os dois grupos, relativamente ao apoio emocional, ao apoio instrumental e ao desajustamento psicológico dos filhos. No que diz respeito ao apoio social, verificou-se que as mães SVES apresentavam valores médios significativamente superiores, quer a nível emocional quer a nível instrumental, comparativamente aos valores médios reportados pelas mães CVES. Constatou-se ainda que as mães CVES reportavam mais desajustamento psicológico dos filhos, do que as

mães SVES. Não se observaram diferenças significativas entre as mães CVES e SVES relativamente aos estilos parentais educativos reportados.

**Tabela 2.**

*Estatísticas descritivas das variáveis em estudo e diferenças de médias em função da situação económica e social das participantes.*

		Mães SVES		Mães CVES		Diferenças
		(n = 88)		(n = 104)		entre grupos
Variável	Amplitude	M	DP	M	DP	t
Estilos Parentais						
Estilo Autoritativo	1-5	4.15	.47	4.05	.60	-1.26
Estilo Autoritário	1-5	2.03	.44	2.10	.63	.93
Estilo Permissivo	1-5	2.20	.67	2.15	.79	-.43
Apoio Social						
Apoio Emocional	1-5	2.57	.99	2.09	.90	-3.54**
Apoio Instrumental	1-5	1.72	.71	1.45	.62	-2.79**
Desajustamento Psicológico						
Externalização e Internalização	1-3	1.62	.27	1.75	.36	2.96**

Nota. \*\*  $p < .01$

### **Análise de correlações**

Na Tabela 3 e 4 apresentam-se as correlações entre as variáveis investigadas, obtidas através do coeficiente de correlação de Pearson. De uma forma geral, as correlações encontradas eram consistentes com o padrão de relações esperado entre as variáveis. Mais concretamente, verificou-se que o desajustamento psicológico dos filhos se encontrava positivamente correlacionado, de forma moderada, com os estilos autoritário e permissivo, em mães SVES e CVES. No entanto, não se observou uma correlação negativa entre o estilo autoritativo e o desajustamento psicológico dos filhos, em nenhuma das amostras. Constatou-se ainda uma correlação positiva e de forma fraca entre o estilo autoritativo e o apoio instrumental e uma correlação negativa e de forma fraca entre o apoio instrumental e o desajustamento psicológico dos filhos, apenas em mães CVES. Não foram observadas correlações significativas entre nenhum dos estilos parentais e o apoio emocional e instrumental, em mães SVES.

**Tabela 3.**

*Intercorrelações entre os estilos parentais, o desajustamento psicológico dos filhos e o apoio social, em mães SVES (n = 88).*

Variável	1	2	3	4	5	6
1. Estilo Autoritativo	-					
2. Estilo Autoritário	-.35**	-				
3. Estilo Permissivo	-.10	.34**	-			
4. Apoio Emocional	.08	.14	-.11	-		
5. Apoio Instrumental	.08	.15	-.14	.82**	-	
6. Desajustamento Psicológico dos Filhos	-.18	.34**	.42**	-.18	-.10	-

Nota. \*\*  $p < .01$

**Tabela 4.**

*Intercorrelações entre os estilos parentais, o desajustamento psicológico dos filhos e o apoio social, em mães CVES (n = 104).*

Variável	1	2	3	4	5	6
1. Estilo Autoritativo	-					
2. Estilo Autoritário	-.23*	-				
3. Estilo Permissivo	-.12	.63**	-			
4. Apoio Emocional	.16	-.08	-.02	-		
5. Apoio Instrumental	.20*	-.11	-.11	.86**	-	
6. Desajustamento Psicológico dos Filhos	-.18	.38**	.46**	-.16	-.23*	-

Nota. \*  $p < .05$ ; \*\*  $p < .01$

### **Análise de regressões e de moderação**

Com vista a analisar o papel moderador do apoio social (emocional e instrumental) na relação entre os estilos parentais e o desajustamento psicológico dos filhos, procedeu-se à análise de regressões múltiplas lineares, de modo a verificar a presença de efeitos de interação entre os estilos parentais e o apoio social. Foram efetuadas várias regressões múltiplas, usando os três estilos parentais, o apoio emocional e instrumental, e os produtos entre os três estilos parentais e os dois tipos de apoio social como preditores, para a amostra de mães SVES e para a amostra de mães CVES: 6 regressões a predizer o desajustamento psicológico dos filhos na amostra de mães SVES, e 6 regressões a predizer o desajustamento psicológico dos filhos na amostra de mães CVES (Tabela 5).

As várias suposições relativas à análise de regressões foram testadas (e.g., normalidade, multicolinearidade) e nenhuma foi violada.

Na tabela 5 verificaram-se alguns resultados com efeitos principais significativos. Assim, é visível em ambas as amostras, um efeito principal positivo entre o estilo autoritário e o desajustamento psicológico dos filhos, bem como um efeito principal positivo entre o estilo permissivo e o desajustamento psicológico dos filhos. Observou-se ainda um efeito principal negativo entre o apoio emocional e o desajustamento psicológico dos filhos apenas em mães SVES; pelo contrário, houve um efeito principal negativo entre o apoio instrumental e o desajustamento psicológico dos filhos, na amostra de mães CVES. No que diz respeito aos efeitos de interação, não foram encontrados resultados significativos entre os estilos parentais (autoritativo, autoritário e permissivo) e o apoio social (emocional e instrumental) no desajustamento psicológico dos filhos.

**Tabela 5.**

*Análise de regressões múltiplas lineares para o desajustamento psicológico dos filhos, comparando mães SVES e mães CVES.*

	Mães SVES	Mães CVES	Mães SVES	Mães CVES	Mães SVES	Mães CVES	Mães SVES	Mães CVES	Mães SVES	Mães CVES
	Coeficientes não estandardizados						Coeficientes estandardizados			
Variáveis	<i>B</i>		<i>EP</i>		$\beta$		$R^2$		<i>F</i>	
Modelo 1										
Estilo Autoritativo	-.10	-.09	.06	.05	-.19	-.17				
Apoio Emocional	-.05	-.05	.03	.04	-.19	-.13				
Estilo Autoritativo X Apoio Emocional	-.05	-.02	.06	.06	-.10	-.03	.07	.05	2.12	1.86
Modelo 2										
Estilo Autoritativo	-.12	-.08	.06	.05	-.22	-.15				
Apoio Instrumental	-.04	-.10	.04	.06	-.10	-.19				
Estilo Autoritativo X Apoio Instrumental	-.11	-.02	.10	.08	-.14	-.03	.06	.07	1.62	2.60
Modelo 3										
Estilo Autoritário	.24	.20	.06	.05	.41***	.38***				
Apoio Emocional	-.07	-.04	.03	.03	-.27*	-.12				
Estilo Autoritário X Apoio Emocional	.08	.02	.06	.07	.14	.04	.18	.16	6.22***	6.45***
Modelo 4										
Estilo Autoritário	.23	.20	.06	.05	.39***	.38***				
Apoio Instrumental	-.07	-.09	.04	.05	-.19	-.18				
Estilo Autoritário X Apoio Instrumental	.09	.04	.09	.09	.11	.04	.14	.18	4.72**	7.34***

Modelo 5										
Estilo Permissivo	.161	.190	.039	.036	.41***	.46***				
Apoio Emocional	-.038	-.055	.026	.031	-.15	-.15	.20	.24	6.85***	10.39***
Estilo Permissivo X Apoio Emocional	.020	.007	.039	.038	.05	.02				
Modelo 6										
Estilo Permissivo	.167	.178	.041	.037	.43***	.44***				
Apoio Instrumental	-.015	-.094	.036	.045	-.04	-.18*				
Estilo Permissivo X Apoio Instrumental	.030	-.023	.059	.057	.05	-.04	.18	.25	6.10***	10.90***
Nota. * p < .05; ** p < .01; *** p < .001										

## Discussão

O presente estudo pretendeu contribuir para a investigação realizada anteriormente sobre a relação entre os estilos parentais e o desajustamento psicológico dos filhos, ao analisar o papel moderador do apoio social nesta relação, comparando mães CVES e SVES, na população portuguesa. O foco no apoio social e a comparação entre mães de diferentes realidades económicas e sociais, ainda pouco explorados no contexto destas variáveis, tornam este estudo pertinente, considerando o número elevado de famílias e, principalmente, de crianças e jovens, em situação de pobreza ou exclusão social.

No que diz respeito à primeira hipótese, referente à existência de diferenças entre mães CVES e mães SVES, os resultados confirmaram parcialmente a hipótese. Como esperado, as mães CVES percecionaram um maior desajustamento psicológico nos seus filhos e ainda um menor apoio emocional e instrumental, comparativamente às mães SVES. Estes resultados vão ao encontro da literatura que comprova a influência negativa da vulnerabilidade económica e social no desenvolvimento infantil, sendo esta influência mediada por fatores de risco ao nível do funcionamento da criança e/ou do ambiente (Hartas, 2011). Por exemplo, a exposição crónica à pobreza, ou seja, o tempo em que a criança vive nessa condição, aumenta a probabilidade de desenvolver doenças mentais (e.g., depressão) (Dashiff et al., 2009; Evans & English, 2002). Segundo Mistry e colaboradores (2002), quanto maior o período de tempo em que as crianças vivem em situação de pobreza, maior o risco de apresentarem comportamentos de externalização, comparativamente a crianças expostas a um período mais curto de desvantagem económica ou que não passaram por esta situação. As consequências intergeracionais da experiência de vulnerabilidade económica e social são, por norma, transferidas para a geração seguinte, tendo impacto na qualidade da relação pais-filhos e no desajustamento psicológico das crianças (Scaramella, Neppl, Ontai, & Conger, 2008). Estes dados vão ainda ao encontro da literatura do apoio social, indicando que famílias pobres têm um acesso mais restrito aos recursos materiais e sociais que, por sua vez, auxiliam os pais de nível socioeconómico superior nas suas funções parentais (e.g., Leventhal & Brooks-Gunn, 2000; Turney & Harknett, 2010). Segundos os dados do relatório da UNICEF (Wall et al., 2013), em Portugal as crianças têm consciência que a crise económica se constitui como um problema e tem impacto nas suas vidas. Esse impacto é sentido nas

relações familiares (casal e pais-filhos) devido à sobrecarga do trabalho, à contenção de custos ou à falta de emprego; nas relações intergeracionais (e.g., ajuda financeira por parte da geração mais velha); na saúde; na alimentação; nas atividades lúdicas e nas atividades do quotidiano que são restritas devido à falta de recursos e também na educação. As crianças percebem esta instabilidade do país com alguma insegurança perante o futuro, sendo que o seu bem-estar psicológico pode ser gravemente afetado devido ao contexto em que se encontram.

No entanto, contrariamente ao esperado, e relativamente aos estilos parentais, não foram observadas diferenças significativas entre as mães CVES e SVES. Assim, os resultados são contrários com alguns estudos que compararam pais com estatuto socioeconómico alto e baixo, referindo-se a estes últimos como tendo uma maior probabilidade de adotarem estilos parentais autoritários ou permissivos (e.g., Hoff, Laursen, & Tardif, 2002; Querido et al., 2002). Uma possível explicação para a ausência de diferenças entre as duas amostras, relativamente aos estilos parentais, prende-se com o facto de esta variável ter sido avaliada através do autorrelato das mães que poderá ter diminuído a variabilidade entre as amostras, devido a uma maior tendência para a desejabilidade social.

Relativamente à associação entre os estilos parentais e o desajustamento psicológico dos filhos, os resultados confirmaram parcialmente a segunda hipótese proposta no presente estudo. Especificamente, verificou-se um efeito principal positivo entre os estilos parentais autoritário e permissivo no desajustamento psicológico dos filhos, em ambas as amostras. Estes resultados são congruentes com as evidências empíricas que indicam que pais autoritários e permissivos se encontram positivamente associados a problemas de internalização e externalização na criança (e.g., Querido et al., 2002; Thompson, Hollis, & Richards, 2003). Uma possível explicação para o padrão de relações encontradas é que as crianças aprendem a modelar os comportamentos dos pais (Bandura & Jeffery, 1973). Desta forma, quando observam comportamentos parentais hostis e punitivos estão mais suscetíveis a adotar estratégias agressivas para com os seus pares (Kawabata, Alink, Tseng, Van Ijzendoorn, & Crick, 2011). Outra explicação, enquadrada na abordagem sistémica, refere-se às características individuais dos pais e das crianças que podem influenciar-se mutuamente. Assim, quando a criança tem um temperamento difícil, os pais podem tornar-se menos responsivos e mais hostis (Huh, Tristan, Wade, & Stice, 2006). Para além disso, os pais detêm as suas próprias histórias desenvolvimentais (Barroso & Machado, 2010), podendo estas comprometer a adoção de



um comportamento parental adequado devido às suas experiências passadas terem sido marcadas por estilos parentais negativos. O subsistema conjugal pode também justificar estes resultados, uma vez que as interações negativas entre os elementos do casal se correlacionam com uma parentalidade mais rígida. Logo, quando os elementos do casal têm uma interação pautada por emoções negativas, essas emoções são transferidas para a interação pai-filho – hipótese de *spillover* – (Kanoy, Ulku-Steiner, Cox, & Burchinal, 2003), independentemente da condição socioeconómica da família.

No entanto, não se observou um efeito principal negativo entre o estilo autoritativo no desajustamento psicológico dos filhos, em nenhuma das amostras. Este resultado pode ser explicado por Phoenix e Hussain (2007) que referiram que efeitos positivos do estilo autoritativo no desenvolvimento infantil dependem do contexto cultural em que a família se insere. Noutros estudos, com famílias em condição de pobreza, é referida uma associação positiva entre o estilo autoritário e a satisfação na relação pai-filho, em crianças chinesas, bem como a inexistência de problemas ao nível da saúde mental em adolescentes árabes (Dwairy, 2008) e resultados equivalentes em Portugal. Concluiu-se assim que, segundo estes autores, a parentalidade ótima dependia da cultura. Apesar desta variável macro não ter sido avaliada no presente estudo, poderá indicar uma possível interpretação para a ausência do efeito esperado.

Relativamente à terceira hipótese, esta foi parcialmente confirmada revelando-se um efeito principal negativo entre o apoio social e o desajustamento psicológico dos filhos. Por um lado, verificou-se um efeito principal negativo do apoio emocional reportado pelas mães SVES, para o desajustamento psicológico percebido nos filhos, parecendo indicar que, quanto maior o apoio emocional recebido menor o desajustamento psicológico dos filhos ou vice-versa. Este resultado pode ser explicado pelo facto de mães SVES terem um maior acesso a recursos no bairro ou na comunidade. Para além disso, a existência de uma rede social capaz de lhes oferecer apoio emocional, afetivo e material contribui para a satisfação das suas necessidades (Griep, Chor, Faerstein, Werneck, & Lopes, 2003). Estas famílias estão assim mais habilitadas a promover atividades que ajudem no desenvolvimento e comportamento social dos seus filhos (Hoff et al., 2002). Já a ausência de um efeito principal significativo em mães CVES, relativamente ao apoio emocional, pode relacionar-se com a instabilidade da vizinhança, caracterizada por uma área de residência e número de habitantes reduzidos, impossibilitando a criação e manutenção de amizades e redes de apoio sustentáveis ou devido ao isolamento social e falta de oportunidades no bairro (Byrnes & Miller, 2012; Pinderhughes, Nix, Foster, &

Jones, 2001). Por outro lado, verificou-se um efeito principal negativo do apoio instrumental reportado pelas mães CVES, para o desajustamento percebido nos filhos. A literatura mostra que quando as famílias apresentam um elevado nível socioeconómico têm maior acesso ao apoio instrumental do que famílias com baixo nível socioeconómico (e.g., Turney & Harknett, 2010). Ainda, vários estudos indicam que as preocupações relativas à situação financeira da família levam a um maior sofrimento psicológico e consequentemente a problemas na parentalidade e na relação conjugal, potenciando problemas comportamentais e emocionais nos filhos (Falconier & Epstein, 2010). Contudo, o apoio social identifica-se como um fator de proteção para famílias de baixo nível socioeconómico, principalmente para mães solteiras, já que estas estão mais dependentes das suas redes sociais, como a família, os vizinhos e os amigos, a nível financeiro e nas tarefas de criação e educação dos filhos (Forehand & Kotchick, 1996). Esta poderá ser uma possível justificação visto que mais de metade da amostra CVES tem uma configuração monoparental. McConnell e colaboradores (2011) referem ainda que a saúde e o bem-estar tanto dos pais como dos filhos estão intrinsecamente ligados ao apoio social percebido reportado pelos pais, sendo que quanto maior for o apoio social menor serão as dificuldades das crianças.

No que diz respeito à quarta hipótese, relativa às associações entre o apoio social (emocional e instrumental) e os estilos parentais, os resultados confirmaram parcialmente esta hipótese. Nomeadamente, observou-se que o estilo autoritativo se encontrava positivamente associado ao apoio instrumental, em mães CVES, todavia não foram encontradas associações entre o apoio social (emocional e instrumental) e os estilos autoritário e permissivo. Estudos anteriores referem que o apoio social se relaciona com altos níveis no estilo autoritativo e baixos níveis no estilo autoritário e permissivo (e.g., Priel & Besser, 2002). A evidência empírica sugere ainda que o apoio social da família e dos amigos ajuda ao bem-estar psicológico materno e a práticas parentais mais adequadas nas famílias com vulnerabilidade económica, bem como a uma maior satisfação e aceitação dos pais e prevenção de estratégias punitivas que contribuem para o funcionamento saudável das crianças (Taylor & Roberts, 1995; Baumrind, 1991). Porém, a literatura indica que é em famílias normativas que o estilo autoritativo prediz níveis mais elevados de apoio social percebido (e.g., Lagacé-Séguin & DeLeavey, 2011). Desta forma, o resultado do nosso estudo pode dever-se à dimensão reduzida da amostra ou ao QDEP ter sido avaliado sob a forma de autorrelato, aumentando a possibilidade de os

itens do estilo autoritário e permissivo estarem sujeitos a desejabilidade social, enviesando assim os resultados.

Por último, contrariamente ao esperado, a quinta hipótese foi refutada uma vez que não foram encontrados efeitos de interação significativos entre os estilos parentais (autoritativo, autoritário e permissivo) e os moderadores do apoio social (emocional e instrumental). Uma possível explicação para esta ausência de efeitos de moderação através do apoio social deve-se à dimensão reduzida das amostras que limita a generalização destes resultados. Contudo, importa referir que esta ausência de efeitos de moderação é consistente com alguns estudos anteriores. Por exemplo, McConnel e colaboradores (2011) avaliaram se o apoio social atenuaria ou moderaria a relação entre as dificuldades económicas e dificuldades infantis e o *stress* parental, não tendo encontrado efeitos de moderação. Ainda assim, estudos apontam para a pertinência de se estudar o apoio social como uma variável moderadora, considerada como um *buffer* no desajustamento psicológico das crianças (Ceballo & McLoyd, 2002; Malecki & Demaray, 2002), podendo atenuar o impacto negativo de variáveis familiares e socioeconómicas no bem-estar da criança e do adolescente. Por esta razão, esta deverá constituir uma linha de estudos futuros, de modo a analisar de forma mais concreta o impacto do apoio social no desajustamento psicológico dos filhos.

### **Limitações e Direções Futuras**

O estudo apresenta algumas limitações que devem ser mencionadas. A nível metodológico considera-se a dimensão reduzida da amostra recolhida que poderá ter contribuído para a ausência de efeitos significativos de moderação e para o comprometimento da generalização dos resultados. Embora os dados sociodemográficos tenham sido recolhidos a nível nacional, houve um predomínio da amostra de mães CVES em Lisboa, enquanto a obtenção da amostra de mães SVES foi superior na região Centro, não correspondendo a uma amostra representativa da população portuguesa. Para além disso, o facto de os participantes serem exclusivamente do sexo feminino impossibilitou o conhecimento e comparação dos níveis reportados pelo sexo masculino, quanto aos resultados nas diferentes variáveis estudadas. Por exemplo, Bronte-Tinkew, Moore e Carrano (2006) referem a importância de se estudar também as relações pai-filho e não só mãe-filho.

Outra limitação deve-se à natureza transversal dos dados, ou seja, à impossibilidade de identificar causalidade entre as variáveis estudadas. Desta forma,

estudos posteriores com recurso a uma metodologia longitudinal serão necessários para responder a esta lacuna. Por exemplo, um dado interessante seria perceber se a situação de vulnerabilidade económica e social das famílias portuguesas é mantida ao longo dos anos e/ou se há alguma associação positiva ou negativa nos resultados dos filhos, já que alguns estudos têm explorado o tempo de exposição crónica à pobreza (e.g., Fergusson, Woodward, & Horwood, 2000; Wilkins et al., 2004).

Relativamente à aplicação dos protocolos, salienta-se o seu procedimento. Para as mães SVES, os protocolos foram realizados sem a presença dos investigadores, possibilitando alguns obstáculos nas respostas dadas como a omissão de dados ou a impossibilidade de esclarecimento de eventuais dúvidas. No caso das mães CVES, o protocolo foi aplicado através da leitura e preenchimento do mesmo, ambos realizados pela investigadora. Este procedimento coloca imediatamente vários obstáculos. O contacto direto investigador-participante pode causar constrangimentos para ambos; os resultados podem ser enviesados por respostas de desejabilidade social e o questionamento direto pode facilitar o tipo de respostas aberto, levando a que as mães justifiquem, por vezes, as suas respostas relatando a sua história pessoal e familiar. Outro ponto a destacar é a forma como os instrumentos foram respondidos, através da versão de autorrelato. Estudos futuros devem utilizar auto e heterorrelato, no sentido de se perceber se apontariam resultados distintos. No caso do SDQ seria também interessante aplicar o questionário a professores, já que o contexto, por si só, pode ter influência nos resultados. Embora o nosso estudo tenha analisado os problemas de internalização e externalização em conjunto, é fundamental o preenchimento do SDQ por parte de crianças e adolescentes devido às dificuldades dos pais/professores em identificarem, principalmente, sintomas característicos de problemas de internalização nos seus filhos/alunos (Dearing, McCartney, & Taylor, 2006).

Implicações clínicas são consideradas no estudo com vista à prevenção e intervenção, sob a lente sistémica, com famílias com crianças e adolescentes. Antes demais deve haver um foco na prevenção, uma vez que os índices de pobreza refletem para a necessidade urgente de se criarem soluções políticas e sociais capazes de responder às necessidades específicas da parentalidade e ao acesso à saúde mental, de forma a melhorar os problemas das crianças e adolescentes.

É de salientar também a relevância da intervenção com estas famílias. Assim sendo, dever-se-á analisar as dinâmicas familiares através da observação direta e abordar temáticas como a comunicação entre os vários sistemas (e.g., conjugal, parental), as

características individuais de cada elemento, a família de origem e família alargada (e.g., transmissão de padrões intergeracionais), as rotinas, as redes de apoio social, entre outros. Esta abordagem é essencial para a progressão de resultados positivos na interação pais-filhos. Programas como “Os Anos Incríveis” poderão ser úteis na intervenção com famílias, particularmente, em situação de vulnerabilidade económica e social, tendo o objetivo de ajudar os pais a adotarem práticas parentais positivas e a resolver determinados problemas e desafios que vão surgindo nesta exigente tarefa que é ser pai ou mãe. Uma vez consolidadas e aplicadas as estratégias parentais mais eficazes que permitam o estabelecimento de relações positivas, é possível verificar uma redução dos problemas de comportamento dos seus filhos e uma melhoria ao nível emocional, social e académico (Webster-Stratton, 2010).

Estudos futuros deverão dar continuidade ao padrão de variáveis estudadas na presente investigação, com uma amostra representativa de pais e mães CVES e SVES em Portugal.

## Referências Bibliográficas

- Aber, J. L., Brown, J. L., & Jones, S. M. (2003). Developmental trajectories toward violence in middle childhood: Course, demographic differences, and response to school-based intervention. *Developmental Psychology*, 39(2), 324-348.
- Antunes, C., & Fontaine, A. M. (2005). Percepção de apoio social na adolescência: análise fatorial confirmatória da escala Social Support Appraisals. *Paidéia*, 15(32), 355-366. doi: 10.1590/S0103-863X2005000300005
- Antonucci, T. C., Ajrouch, K. J., & Birditt, K. S. (2013). The convoy model: Explaining social relations from a multidisciplinary perspective. *The Gerontologist*, 54(1), 82-92. doi: 10.1093/geront/gnt118
- Bandura, A., & Jeffery, R. W. (1973). Role of symbolic coding and rehearsal processes in observational learning. *Journal of Personality and Social Psychology*, 26(1), 122-130.
- Barber, B. K., Stolz, H. E., Olsen, J. A., Collins, W. A., & Burchinal, M. (2005). Parental support, psychological control, and behavioral control: Assessing relevance across time, culture, and method. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 70, 1-13.
- Barrera, M., Fleming, C. F., & Khan, F. S. (2004). The role of emotional social support in the psychological adjustment of siblings of children with cancer. *Child: Care, Health and Development*, 30(2), 103-111.
- Barroso, R. G., & Machado, C. (2010). Definições, dimensões e determinantes da parentalidade. *Psychologica*, 52(1), 211-229.
- Baumrind, D. (1966). Effects of authoritative parental control on child behavior. *Child Development*, 37, 887-907.
- Baumrind, D. (1978). Parental disciplinary patterns and social competence in children. *Youth & Society*, 9(3), 239-267. doi: 10.1177/0044118X7800900302
- Baumrind, D. (1991). The influence of parenting style on adolescent competence and substance use. *The Journal of Early Adolescence*, 11(1), 56-95.
- Belsky, J. (1984). The determinants of parenting: A process model. *Child Development*, 55, 83-96.
- Beyers, J. M., Bates, J. E., Pettit, G. S., & Dodge, K. A. (2003). Neighborhood structure, parenting processes, and the development of youths' externalizing behaviors: A multilevel analysis. *American Journal of Community Psychology*, 31(1-2), 35-53.

- Bluestone, C., & Tamis-LeMonda, C. S. (1999). Correlates of parenting styles in predominantly working-and middle-class African American mothers. *Journal of Marriage and the Family*, 881-893.
- Bornstein, M. H. (2002). *Handbook of parenting: Vol. 1. Children and parenting* (2nd ed.). Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Bradley, R. H., & Corwyn, R. F. (2002). Socioeconomic status and child development. *Annual Review of Psychology*, 53(1), 371-399.
- Braza, P., Carreras, R., Muñoz, J. M., Braza, F., Azurmendi, A., Pascual-Sagastizábal, E., Cardas, J., & Sánchez-Martín, J. R. (2015). Negative maternal and paternal parenting styles as predictors of children's behavioral problems: Moderating effects of the child's sex. *Journal of Child and Family Studies*, 24(4), 847-856. doi 10.1007/s10826-013-9893-0
- Bronfenbrenner, U., & Morris, P. A. (2006). The bioecological model of human development. In R. M. Lerner (Ed.), *Handbook of child development: Vol. 1. Theoretical models of human development* (pp. 793-828). Hoboken, NJ: Wiley.
- Bronte-Tinkew, J., Moore, K. A., & Carrano, J. (2006). The father-child relationship, parenting styles, and adolescent risk behaviors in intact families. *Journal of Family Issues*, 27(6), 850-881.
- Brooks-Gunn, J., & Duncan, G. J. (1997). The effects of poverty on children. *The Future of Children*, 55-71.
- Byrnes, H. F., Chen, M. J., Miller, B. A., & Maguin, E. (2007). The relative importance of mothers' and youths' neighborhood perceptions for youth alcohol use and delinquency. *Journal of Youth and Adolescence*, 36(5), 649-659.
- Byrnes, H. F., Miller, B. A., Chen, M. J., & Grube, J. W. (2011). The roles of mothers' neighborhood perceptions and specific monitoring strategies in youths' problem behavior. *Journal of Youth and Adolescence*, 40(3), 347-360.
- Byrnes, H. F., & Miller, B. A. (2012). The relationship between neighborhood characteristics and effective parenting behaviors: The role of social support. *Journal of Family Issues*, 33(12), 1658-1687.
- Callaghan, P., & Morrissey, J. (1993). Social support and health: A review. *Journal of Advanced Nursing*, 18(2), 203-210.
- Calzada, E. J., Huang, K. Y., Anicama, C., Fernandez, Y., & Brotman, L. M. (2012). Test of a cultural framework of parenting with Latino families of young children.

- Cultural Diversity and Ethnic Minority Psychology*, 18(3), 285-296. doi: 10.1037/a0028694
- Campbell, S. B., Shaw, D. S., & Gilliom, M. (2000). Early externalizing behavior problems: Toddlers and preschoolers at risk for later maladjustment. *Development and Psychopathology*, 12, 467-488.
- Çavar, F. S. (2013). Behaviour problems and social support which children perceived from the different sources. *International Education Research*, 1, 50-64.
- Ceballo, R., & McLoyd, V. C. (2002). Social support and parenting in poor, dangerous neighborhoods. *Child Development*, 73(4), 1310-1321.
- Chase-Lansdale, P. L., Gordon, R. A., Coley, R. L., Wakschlag, L. S., & Brooks-Gunn, J. (1999). Young African American multigenerational families in poverty: The contexts, exchanges, and processes of their lives. In E. M. Hetherington (Ed.), *Coping with divorce, single parenting, and remarriage: A risk and resilience perspective* (pp. 165-191). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Cohen, J. (1988). Statistical power analysis for the behavioral sciences Lawrence Earlbaum Associates. *Hillsdale, NJ*, 20-26.
- Cohen, S., Underwood, L. G., & Gottlieb, B. H. (Eds.). (2000). *Social support measurement and intervention: A guide for health and social scientists*. New York: Oxford University Press.
- Conger, R. D., & Conger, K. J. (2002). Resilience in Midwestern families: Selected findings from the first decade of a prospective, longitudinal study. *Journal of Marriage and Family*, 64(2), 361-373.
- Conger, R. D., & Donnellan, M. B. (2007). An interactionist perspective on the socioeconomic context of human development. *Annu. Rev. Psychol.*, 58, 175-199.
- Conger, R. D., Conger, K. J., & Elder, G. H. (1997). Family economic hardship and adolescent adjustment: Mediating and moderating processes. In G. J. Duncan & J. Brooks-Gunn (Eds.), *Consequences of growing up poor* (pp. 288-310). New York: Russell Sage Foundation.
- Conger, K. J., Rueter, M. A., & Conger, R. D. (2000). The role of economic pressure in the lives of parents and their adolescents: The family stress model. In Crockett L.J. & Silbereisen R.K. (Eds.), *Negotiating adolescence in times of social change*, (pp. 201–233). New York: Cambridge University Press.
- Costello, E. J., Compton, S. N., Keeler, G., & Angold, A. (2003). Relationships between poverty and psychopathology: A natural experiment. *Jama*, 290(15), 2023-2029.



- Darling, N., & Steinberg, L. (1993). Parenting style as context: An integrative model. *Psychological Bulletin*, 113(3), 487-496.
- Dashiff, C., DiMicco, W., Myers, B., & Sheppard, K. (2009). Poverty and adolescent mental health. *Journal of Child and Adolescent Psychiatric Nursing*, 22(1), 23-32.
- Dearing, E., McCartney, K., & Taylor, B. A. (2006). Within-child associations between family income and externalizing and internalizing problems. *Developmental Psychology*, 42(2), 237. doi: 10.1037/0012-1649.42.2.237
- Deater-Deckard, K., Dodge, K. A., Bates, J. E., & Pettit, G. S. (1996). Physical discipline among African American and European American mothers: Links to children's externalizing behaviors. *Developmental Psychology*, 32(6), 1065-1072.
- Demaray, M. K., Malecki, C. K., Davidson, L. M., Hodgson, K. K., & Rebus, P. J. (2005). The relationship between social support and student adjustment: A longitudinal analysis. *Psychology in the Schools*, 42(7), 691-706. doi: 10.1002/pits.20120
- DuBois, D. L., Burk-Braxton, C., Swenson, L. P., Tevendale, H. D., Lockerd, E. M., & Moran, B. L. (2002). Getting by with a little help from self and others: Self-esteem and social support as resources during early adolescence. *Developmental Psychology*, 38(5), 822-839.
- Dwairy, M. A. (2008). Parental inconsistency versus parental authoritarianism: Associations with symptoms of psychological disorders. *Journal of Youth and Adolescence*, 37(5), 616-626. doi: 10.1007/s10964-007-9169-3
- Evans, G. W. (2004). The environment of childhood poverty. *American Psychologist*, 59(2), 77-92.
- Evans, G. (2006). Child development and the physical environment. *Annual Review of Psychology*, 57, 423-451.
- Evans, G. W., & English, K. (2002). The environment of poverty: Multiple stressor exposure, psychophysiological stress, and socioemotional adjustment. *Child Development*, 73(4), 1238-1248.
- Evans, G. W., & English, K. (2002). The environment of poverty: Multiple stressor exposure, psychophysiological stress, and socioemotional adjustment. *Child Development*, 73(4), 1238-1248.
- Falconier, M. K., & Epstein, N. B. (2010). Relationship satisfaction in Argentinean couples under economic strain: Gender differences in a dyadic stress model. *Journal of Social and Personal Relationships*, 27(6), 781-799.

- Fergusson, D. M., Woodward, L. J., & Horwood, L. J. (2000). Risk factors and life processes associated with the onset of suicidal behaviour during adolescence and early adulthood. *Psychological Medicine*, 30(1), 23-39.
- Fleitlich, B., Loureiro, M. J., Fonseca, A., & Gaspar, F. (2004). *Questionário do SDQ, versão traduzida e adaptada para a população portuguesa*.
- Forehand, R., & Kotchick, B. A. (2016). Cultural diversity: A wake-up call for parent training. *Behavior Therapy*, 47(6), 981-992.
- Furstenberg, F. F., Cook, T., Eccles, J., Elder, G. H., & Sameroff, A. (1999). *Managing to make it: Urban families in high-risk neighborhoods*. University of Chicago: Chicago.
- Galambos, N. L., Barker, E. T., & Almeida, D. M. (2003). Parents do matter: Trajectories of change in externalizing and internalizing problems in early adolescence. *Child Development*, 74(2), 578-594.
- Gameiro, S., Boivin, J., Canavarro, M. C., Moura-Ramos, M., & Soares, I. (2010). Social nesting: Changes in social network and support across the transition to parenthood in couples that conceived spontaneously or through assisted reproductive technologies. *Journal of Family Psychology*, 24(2), 175-187.
- Gameiro, S., Moura-Ramos, M., & Canavarro, M. C. (2006). Manual de aplicação e cotação do Convoy Model: Versão adaptada para a população portuguesa. Escala não publicada. Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Gameiro, S., Soares, A., Moura-Ramos, M., Pedrosa, A. A., & Canavarro, M. C. (2008). *Estudos psicométricos da versão portuguesa adaptada do Convoy Model, um questionário de avaliação da rede e apoio social*. XII Actas de Avaliação Psicológica: Formas e Contextos, Braga, Portugal.
- Gillock, K. L., & Reyes, O. (1999). Stress, support, and academic performance of urban, low-income, Mexican-American adolescents. *Journal of Youth and Adolescence*, 28(2), 259-282.
- Grant, K. E., Compas, B. E., Stuhlmacher, A. F., Thurm, A. E., & McMahon, S. D. (2003). Stressors and child and adolescent psychopathology: Moving from markers to mechanisms of risk. *Psychological Bulletin*, 129(3), 447-466.
- Griep, R. H., Chor, D., Faerstein, E., Werneck, G. L., & Lopes, C. S. (2003). Apoio social: Confiabilidade teste-reteste de escala no estudo pró-saúde. *Cadernos de Saúde Pública*, 19, 625-634.

- Hart, C. H., Newell, L. D., & Olsen, S. F. (2003). Parenting skills and social-communicative competence in child-hood. In J. O. Greene & B. R. Burlison (Eds.), *Handbook of communication and social interaction skills* (pp. 753-797). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Hartas, D. (2011). The ecology of young children's behaviour and social competence: child characteristics, socio-economic factors and parenting. *Oxford Review of Education*, 37(6), 763-783.
- Hlebec, V., Mrzel, M., & Kogovsek, T. (2009). Social support network and received support at stressful events. *Metodoloski Zvezki*, 6(2), 155-171.
- Hoff, E., Laursen, B., & Tardif, T. (2002). Socioeconomic status and parenting. *Handbook of parenting Volume 2: Biology and ecology of parenting*, 8(2), 231-52.
- Holden, G. W. (2010). *Parenting: a dynamic perspective*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Huh, D., Tristan, J., Wade, E., & Stice, E. (2006). Does problem behavior elicit poor parenting? A prospective study of adolescent girls. *Journal of Adolescent Research*, 21(2), 185-204.
- Instituto Nacional de Estatística (2016). Rendimento e condições de vida 2016. Acedido junho 2017, em [http://www.peprobe.com/wp-content/uploads/2017/05/16ICOR2016\\_20170515.pdf](http://www.peprobe.com/wp-content/uploads/2017/05/16ICOR2016_20170515.pdf)
- Kanoy, K., Ulku-Steiner, B., Cox, M., & Burchinal, M. (2003). Marital relationship and individual psychological characteristics that predict physical punishment of children. *Journal of Family Psychology*, 17(1), 20-28.
- Kawabata, Y., Alink, L. R., Tseng, W. L., Van Ijzendoorn, M. H., & Crick, N. R. (2011). Maternal and paternal parenting styles associated with relational aggression in children and adolescents: A conceptual analysis and meta-analytic review. *Developmental Review*, 31(4), 240-278. doi: 10.1016/j.dr.2011.08.001
- Kelley, M. L., Power, T. G., & Wimbush, D. D. (1992). Determinants of disciplinary practices in low-income black mothers. *Child Development*, 63(3), 573-582.
- Knapp, P. K., Ammen, S., Arstein-Kerslake, C., Poulsen, M. K., & Mastergeorge, A. (2007). Feasibility of expanding services for very young children in the public mental health setting. *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry*, 46(2), 152-161.

- Kotchick, B. A., Dorsey, S., & Heller, L. (2005). Predictors of parenting among African American single mothers: Personal and contextual factors. *Journal of Marriage and Family*, 67(2), 448-460.
- Kotchick, B. & Forehand, R. (2002). Putting parenting in perspective: A discussion of the contextual factors that shape parenting practices. *Journal of Child and Family Studies*, 11, 255-269.
- Lagacé-Séguin, D. G., & DeLeavey, A. E. (2011). Memories of adolescence: Can perceptions of social supports be predicted from Baumrind's traditional parenting typologies?. *International Journal of Adolescence and Youth*, 16(3), 245-264. doi: 10.1080/02673843.2011.9748059
- Lee, C. Y. S., Anderson, J. R., Horowitz, J. L., & August, G. J. (2009). Family income and parenting: The role of parental depression and social support. *Family Relations*, 58(4), 417-430.
- Lerner, R. M., Rothbaum, F., Boulos, S., & Castellino, D. R. (2002). Developmental systems perspective on parenting. *Handbook of Parenting*, 2, 315-344.
- Leventhal, T., & Brooks-Gunn, J. (2000). The neighborhoods they live in: The effects of neighborhood residence on child and adolescent outcomes. *Psychological Bulletin*, 126(2), 309-337.
- Loeber, R. & Farrington, D. P. (2001). *Child delinquents: Development, interventions and service needs*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Maccoby, E. E., & Martin, J. A. (1983). Socialization in the context of the family: Parent-child interaction. In P. H. Mussen (Series Ed.) & E. M. Hetherington (Vol. Ed.), *Handbook of child psychology: Vol. 4. Socialization, personality, and social development* (4<sup>a</sup> ed.) (pp. 1-101). New York: Wiley.
- Malecki, C. K., & Demaray, M. K. (2002). Measuring perceived social support: Development of the child and adolescent social support scale (CASSS). *Psychology in the Schools*, 39(1), 1-18.
- Maroco, J., & Bispo, R. (2005). Teoria da Amostragem. In J. Maroco, & R. Bispo, *Estatística aplicada às ciências sociais e humanas* (pp. 77-95). Climepsi.
- Mason, C. A., Cauce, A. M., Gonzales, N., & Hiraga, Y. (1996). Neither too sweet nor too sour: Problem peers, maternal control, and problem behavior in African American adolescents. *Child Development*, 67(5), 2115-2130. doi: 10.1111/j.1467-8624.1996.tb01847.x

- McConnell, D., Breitkreuz, R., & Savage, A. (2011). From financial hardship to child difficulties: Main and moderating effects of perceived social support. *Child: Care, Health and Development*, 37(5), 679-691. doi: 10.1111/j.1365-2214.2010.01185.x
- McKee, L., Colletti, C., Rakow, A., Jones, D. J., & Forehand, R. (2008). Parenting and child externalizing behaviors: Are the associations specific or diffuse?. *Aggression and Violent Behavior*, 13(3), 201-215. doi: 10.1016/j.avb.2008.03.005
- McLoyd, V. C. (1998). Socioeconomic disadvantage and child development. *American Psychologist*, 53(2), 185-204.
- Merikangas, K. R., He, J. P., Burstein, M., Swanson, S. A., Avenevoli, S., Cui, L., Benjet, C., Georgiades, K., & Swendsen, J. (2010). Lifetime prevalence of mental disorders in US adolescents: results from the National Comorbidity Survey Replication–Adolescent Supplement (NCS-A). *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry*, 49(10), 980-989.
- Milevsky, A., Schlechter, M., Netter, S., & Keehn, D. (2007). Maternal and paternal parenting styles in adolescents: Associations with self-esteem, depression and life-satisfaction. *Journal of Child and Family Studies*, 16(1), 39-47. doi: 10.1007/s10826-006-9066-5
- Mistry, R. S., Vandewater, E. A., Huston, A. C., & McLoyd, V. C. (2002). Economic well-being and children's social adjustment: The role of family process in an ethnically diverse low-income sample. *Child Development*, 73(3), 935-951.
- Musitu, G., & García, J. F. (2004). Consecuencias de la socialización familiar en la cultura española. *Psicothema*, 16(2), 288-293.
- Nurullah, A.S. (2012). Received and provided support: A review of current evidence and future directions. *Am. J. Health Stud.*, 27 (3), 173–188.
- Parke, R., & Buriel, R. (2008). Socialization in the family: Ethnic and ecological perspectives. In W. Damon, & R. Lerner (Eds.), *Child and adolescent development: Na advanced course* (pp. 95-138). Hoboken, NJ: Wiley.
- Patton, G. C., Coffey, C., Posterino, M., Carlin, J. B., & Bowes, G. (2003). Life events and early onset depression: cause or consequence?. *Psychological Medicine*, 33(07), 1203-1210.
- Phoenix, A., & Hussain, F. (2007). *Parenting and ethnicity*. York: Joseph Rowntree Foundation.

- Pinderhughes, E. E., Dodge, K. A., Bates, J. E., Pettit, G. S., & Zelli, A. (2000). Discipline responses: influences of parents' socioeconomic status, ethnicity, beliefs about parenting, stress, and cognitive-emotional processes. *Journal of Family Psychology, 14*(3), 380-400.
- Pinderhughes, E. E., Nix, R., Foster, E. M., & Jones, D. (2001). Parenting in context: Impact of neighborhood poverty, residential stability, public services, social networks, and danger on parental behaviors. *Journal of Marriage and Family, 63*(4), 941-953.
- Priel, B., & Besser, A. (2002). Perceptions of early relationships during the transition to motherhood: The mediating role of social support. *Infant Mental Health Journal, 23*(4), 343-360. doi: 10.1002/imhj.10021
- Querido, J. G., Warner, T. D., & Eyberg, S. M. (2002). Parenting styles and child behavior in African American families of preschool children. *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology, 31*(2), 272-277. doi: 10.1207/S15374424JCCP3102\_12
- Reising, M. M., Watson, K. H., Hardcastle, E. J., Merchant, M. J., Roberts, L., Forehand, R., & Compas, B. E. (2013). Parental depression and economic disadvantage: The role of parenting in associations with internalizing and externalizing symptoms in children and adolescents. *Journal of Child and Family Studies, 22*(3), 335-343.
- Rockhill, C. M., Vander Stoep, A., McCauley, E., & Katon, W. J. (2009). Social competence and social support as mediators between comorbid depressive and conduct problems and functional outcomes in middle school children. *Journal of Adolescence, 32*(3), 535-553. doi: 10.1016/j.adolescence.2008.06.011
- Russell, A., Hart, C., Robinson, C., & Olsen, S. (2003). Children's sociable and aggressive behaviour with peers: A comparison of the US and Australia, and contributions of temperament and parenting styles. *International Journal of Behavioral Development, 27*(1), 74-86.
- Scaramella, L. V., Neppl, T. K., Ontai, L. L., & Conger, R. D. (2008). Consequences of socioeconomic disadvantage across three generations: parenting behavior and child externalizing problems. *Journal of Family Psychology, 22*(5), 725-733. doi: 10.1037/a0013190
- Simões, M. R. (1994). *Investigações no âmbito da aferição nacional do teste das Matrizes Progressivas Coloridas de Raven (M.P.C.R.)*. Unpublished PhD Dissertation, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra.

- Lamborn, S. D., Mounts, N. S., Steinberg, L., & Dornbusch, S. M. (1991). Patterns of competence and adjustment among adolescents from authoritative, authoritarian, indulgent, and neglectful families. *Child Development*, 62(5), 1049-1065. doi: 10.1111/j.1467-8624.1991.tb01588.x
- Steinberg, L., Lamborn, S., Darling, N., Mounts, N., & Dornbusch, S. (1994). Over-time changes in adjustment and competence among adolescents from authoritative, authoritarian, indulgent, and neglectful families. *Child Development*, 65, 754-770. doi: 10.2307/1131416
- Steinberg, L., Blatt-Eisengart, I., & Cauffman, E. (2006). Patterns of competence and adjustment among adolescents from authoritative, authoritarian, indulgent, and neglectful homes: A replication in a sample of serious juvenile offenders. *Journal of Research on Adolescence*, 16(1), 47-58. doi: 10.1111/j.1532-7795.2006.00119.x
- Tan, T. X., Camras, L. A., Deng, H., Zhang, M., & Lu, Z. (2012). Family stress, parenting styles, and behavioral adjustment in preschool-age adopted Chinese girls. *Early Childhood Research Quarterly*, 27(1), 128-136. doi: 10.1016/j.ecresq.2011.04.002
- Taylor, R. D., & Roberts, D. (1995). Kinship support and maternal and adolescent well-being in economically disadvantaged African-American families. *Child Development*, 66(6), 1585-1597.
- Thompson, A., Hollis, C., & Richards, D. (2003). Authoritarian parenting attitudes as a risk for conduct problems. *European Child & Adolescent Psychiatry*, 12(2), 84-91. doi: 10.1007/s00787-003-0324-4
- Tracy, M., Zimmerman, F. J., Galea, S., McCauley, E., & Vander Stoep, A. (2008). What explains the relation between family poverty and childhood depressive symptoms?. *Journal of Psychiatric Research*, 42(14), 1163-1175.
- Turney, K., & Harknett, K. (2010). Neighborhood disadvantage, residential stability, and perceptions of instrumental support among new mothers. *Journal of Family Issues*, 31, 499-524. doi: 10.1177/0192513X09347992
- Uji, M., Sakamoto, A., Adachi, K., & Kitamura, T. (2014). The impact of authoritative, authoritarian, and permissive parenting styles on children's later mental health in Japan: Focusing on parent and child gender. *Journal of Child and Family Studies*, 23(2), 293-302. doi: 10.1007/s10826-013-9740-3

- Wadsworth, M. E., & Compas, B. E. (2002). Coping with family conflict and economic strain: The adolescent perspective. *Journal of Research on Adolescence*, 12(2), 243-274.
- Wadsworth, M. E., Raviv, T., Reinhard, C., Wolff, B., Santiago, C. D., & Einhorn, L. (2008). An indirect effects model of the association between poverty and child functioning: The role of children's poverty-related stress. *Journal of Loss and Trauma*, 13(2-3), 156-185.
- Wall, K., Almeida, A. N. de, Vieira, M. M., Cunha, V., Rodrigues, L., Coelho, F., Leitão, M., Atalaia, S. (2013). *As Crianças e a Crise em Portugal: Vozes de Crianças, Políticas Públicas e Indicadores Sociais 2013*. Lisboa: UNICEF.
- Wardle, J., Robb, K., & Johnson, F. (2002). Assessing socioeconomic status in adolescents: The validity of a home affluence scale. *Journal of Epidemiology and Community Health*, 56, 595-599.
- Webster-Stratton, C. (2010). Os anos incríveis: Guia de resolução de problemas para pais de crianças dos 2 aos 8 anos de idade. *Psiquilíbrios Edições*. Braga.
- Wilkins, A. J., O'callaghan, M. J., Najman, J. M., Bor, W., Williams, G. M., & Shuttlewood, G. (2004). Early childhood factors influencing health-related quality of life in adolescents at 13 years. *Journal of Paediatrics and Child Health*, 40(3), 102-109. doi: 10.1111/j.1440-1754.2004.00309.x
- Williams, L. R., Degnan, K. A., Perez-Edgar, K. E., Henderson, H. A., Rubin, K. H., Pine, D. S., Steinberg, L., & Fox, N. A. (2009). Impact of behavioral inhibition and parenting style on internalizing and externalizing problems from early childhood through adolescence. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 37(8), 1063-1075.
- Wilson, W. J. (2012). *The truly disadvantaged: The inner city, the underclass, and public policy*. Chicago: University of Chicago Press.
- Zhou, Q., Eisenberg, N., Losoya, S. H., Fabes, R. A., Reiser, M., Guthrie, I. Murphy, B., Cumberland, A., & Shepard, S. A. (2002). The relations of parental warmth and positive expressiveness to children's empathy-related responding and social functioning: A longitudinal study. *Child Development*, 73(3), 893-915.



## **Anexos**

---

## Anexo A – Consentimento Informado



### **PROJETO DE INVESTIGAÇÃO**

A investigação, para a qual pedimos a sua colaboração, decorre no âmbito da tese de doutoramento de Mariana Barroso Fernandes, em Psicologia da Família, sob orientação científica das Professoras Doutoradas Isabel Narciso e Marta Pedro, da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa. Este estudo tem como finalidade compreender o modo como os pais lidam com a **vivência da parentalidade**, considerando o comportamento dos filhos e a relação com estes.

A sua participação é voluntária e a decisão de não participar não tem qualquer consequência para si ou para os seus filhos, podendo desistir a qualquer momento se assim o desejar. Os dados recolhidos, numa única sessão de cerca de 60 minutos, são confidenciais, sendo posteriormente analisados de forma global e não individualizada. Todo o estudo decorrerá segundo os princípios éticos internacionais aplicados à investigação em Psicologia. Apenas os elementos da equipa da investigação terão acesso aos dados recolhidos.

A participação nesta investigação implica o preenchimento de um questionário sobre dados sociodemográficos e de outros questionários que abordam diversas temáticas relevantes para a parentalidade. Os participantes poderão ter acesso aos resultados gerais da investigação ou outros esclarecimentos acerca da mesma, solicitando informação através do seguinte endereço eletrónico: [mbfernandes12@gmail.com](mailto:mbfernandes12@gmail.com). Através deste contacto, os participantes poderão, se assim considerarem necessário, solicitar apoio psicológico no Serviço à Comunidade da FPUL.

**Ao aceitar a sua participação neste estudo, declara ter tomado conhecimento dos objetivos da investigação e do que lhe é pedido; participa voluntariamente e concorda que os dados sejam analisados anonimamente pelos investigadores envolvidos no estudo.**

**Grata pela sua participação!**

*O participante*

\_\_\_\_\_

Data

\_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_\_

## Anexo B – Questionário Sociodemográfico

### QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

Data \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

Pense **apenas** nos seus filhos que têm entre **5 a 12 anos**, e responda relativamente ao **filho mais velho** que estiver entre os 5 e os 12 anos. *Para facilitar a leitura, a palavra “filho” será usada para designar “filho” ou “filha”.*

É muito importante que leia atentamente e **responda a todas as questões**. Deixar questões em branco inutiliza todo o questionário e impossibilita que as suas respostas sejam incluídas na investigação. **Quando não tiver a certeza acerca de um valor ou resposta, por favor, responda com dados aproximados.** Não há repostas certas ou erradas.

<b>1. Sexo</b>	<b>2. Idade</b>	<b>3. Local de Residência</b>
<input type="checkbox"/> Feminino <input type="checkbox"/> Masculino	____ anos	_____

#### 12. Situação Financeira

a) Qual é, aproximadamente, o **rendimento mensal líquido** da sua família?  
(após o desconto da segurança social e outros impostos)  
\_\_\_\_\_ euros por mês

c) Por favor responda às seguintes questões de acordo com a escala que se segue:

Discordo totalmente	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo	Concordo totalmente
1	2	3	4	5

1. Temos dinheiro suficiente para ter uma casa adequada à nossa família.	1	2	3	4	5
3. Temos dinheiro suficiente para comprar os produtos ou bens necessários para a casa.	1	2	3	4	5
5. Temos dinheiro suficiente para comprar a comida que precisamos.	1	2	3	4	5

e) Em que medida concorda ou discorda com as seguintes afirmações?

Discordo totalmente	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo	Concordo totalmente
1	2	3	4	5

1. Tenho problemas em dormir devido aos meus problemas financeiros.	1	2	3	4	5
3. Sinto-me muitas vezes preocupado(a) devido à minha má situação financeira.	1	2	3	4	5
5. Não sei como serei capaz de me sustentar nos próximos 12 meses.	1	2	3	4	5

## Anexo C – Convoy Model Diagram – Redes de Apoio Social

**CMD** (Kahn & Antonucci, 1980; versão adaptada: Gameiro, Moura-Ramos, & Canavarro, 2006)

Nas colunas, identifique as pessoas que colocou no primeiro e no segundo círculo. Por baixo, coloque um **círculo à volta do número que melhor corresponde ao apoio que recebe dessa pessoa (1 = mínimo; 5 = máximo)**.

<b>1º Círculo</b>	_____	_____	_____	_____	_____	_____
Confia e sente-se seguro(a) com esta pessoa?	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Pode pedir conselhos a esta pessoa?	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Esta pessoa ajuda-o(a) a cuidar dos filhos?	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Esta pessoa ajuda-o(a) quando tem dificuldades financeiras?	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5

<b>2º Círculo</b>	_____	_____	_____	_____	_____	_____
Confia e sente-se seguro(a) com esta pessoa?	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Pode pedir conselhos a esta pessoa?	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Esta pessoa ajuda-o(a) a cuidar dos filhos?	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Esta pessoa ajuda-o(a) quando tem dificuldades financeiras?	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5

## Anexo D – *Strengths and Difficulties Questionnaire*

**(SDQ-Por)** (Goodman, 1997; versão portuguesa: Fleitlich, Loureiro, Fonseca, & Gaspar, 2004)

Encontre, de seguida, 25 frases. Para cada uma delas marque, com uma **cruz**, um dos seguintes quadrados: não é verdade; é um pouco verdade; é muito verdade. Ajuda-nos muito se responder a todas as afirmações o melhor que puder, mesmo que não tenha a certeza absoluta ou que a afirmação lhe pareça estranha. Por favor, responda com base no **comportamento do seu filho, nos últimos seis meses**.

	Não é verdade	É um pouco verdade	É muito verdade
3. Queixa-se frequentemente de dores de cabeça, dores de barriga ou vômitos.			
6. Tem tendência a isolar-se, gosta mais de brincar sozinho.			
10. Não sossega. Está sempre a mexer as pernas ou as mãos.			
12. Luta frequentemente com as outras crianças, ameaça-as ou intimida-as.			
13. Anda muitas vezes triste, desanimado ou choroso.			
15. Distrai-se com facilidade, está sempre com a cabeça no ar.			
19. As outras crianças metem-se com ele, ameaçam-no ou intimidam-no.			

## Anexo E – Questionário de Dimensões e Estilos Parentais

**QDEP** (Robinson, Mandleco, Olsen, & Hart, 2001; versão portuguesa: Pedro, Carapito, & Ribeiro, 2007)

As seguintes afirmações pretendem perceber com que frequência e de que modo atua com o seu filho. Depois de escolher a sua resposta, assinale-a com um círculo.

	Nunca	Algumas vezes	Metade das vezes	Muitas vezes	Sempre
2. Castigo fisicamente o meu filho para o disciplinar.	1	2	3	4	5
7. Encorajo o meu filho a falar dos seus problemas.	1	2	3	4	5
8. Acho difícil disciplinar o meu filho.	1	2	3	4	5
11. Realço os motivos das regras.	1	2	3	4	5
15. Eu cedo quando o meu filho faz birra.	1	2	3	4	5
17. Ameaço o meu filho com castigos, mais vezes do que o castigo efetivamente.	1	2	3	4	5
18. Tenho em conta as preferências do meu filho quando se fazem planos para a família.	1	2	3	4	5
23. Repreendo e critico o meu filho para o bem dele.	1	2	3	4	5
28. Castigo o meu filho, deixando-o sozinho e dando-lhe poucas explicações.	1	2	3	4	5